

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Gabriela Goulart Nascimento

Erich Erdstein e a caça a nazistas:

Um estudo sobre o livro “O Renascimento da Suástica no Brasil”

Florianópolis

2021

Gabriela Goulart Nascimento

Erich Erdstein e a caça a nazistas:

Um estudo sobre o livro “O Renascimento da Suástica no Brasil”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel e Licenciada em História. Orientador: Dr. Adriano Luiz Duarte.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nascimento, Gabriela Goulart

Erich Erdstein e a caça a nazistas : Um estudo sobre o  
livro "O Renascimento da Suástica no Brasil" / Gabriela  
Goulart Nascimento ; orientador, Adriano Luiz Duarte, 2021.  
68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. História. 2. Nazismo. 3. Ditadura Militar. 4.  
Literatura. I. Duarte, Adriano Luiz. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ATA DE DEFESA DE TCC**

Aos 25 dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e um, às 14:00 horas, na sala por meio do ambiente virtual *Google Meet*, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. **Adriano Luiz Duarte** (Orientador e Presidente); Profa. **Kelly Ishida** (membro); Prof. **Clayton Haakenhar** (membro), designados pela Portaria TCC nº 14/HST/CFH/2021, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Gabriela Goulart Nascimento** intitulado: “**Erich Erdstein e a caça a nazistas: um estudo sobre o livro ‘O Renascimento da Suástica no Brasil’**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Prof. **Adriano Luiz Duarte**, nota 9,0, Profa. **Kelly Ishida**, nota 9,0, Prof. **Clayton Haakenhar**, nota 9,0, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 9,0. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 05 de julho de 2021. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 25 de junho de 2021

Prof. (Orientador):.



Documento assinado digitalmente

Adriano Luiz Duarte

Data: 25/06/2021 15:40:13-0300

CPF: 050.451.088-67

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. (Membro):.



Documento assinado digitalmente

Kelly Yshida

Data: 25/06/2021 16:09:44-0300

CPF: 072.352.889-65

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(Membro):

(Candidato)



Documento assinado digitalmente

Gabriela Goulart Nascimento

Data: 26/06/2021 10:17:18-0300

CPF: 424.636.558-01

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina FONE  
(048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Gabriela Goulart Nascimento, matrícula n.º 16250566, entregou a versão final de seu TCC cujo título é “Erich Erdstein e a caça a nazistas: um estudo sobre o livro “O Renascimento da Suástica no Brasil”, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de junho de 2021.



Documento assinado digitalmente

Adriano Luiz Duarte

Data: 28/06/2021 11:13:08-0300

CPF: 050.451.088-67

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Orientador(a): Prof. Adriano Luiz Duarte

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer principalmente aos meus pais por tudo o que fizeram para que eu pudesse ter uma vida com o máximo de oportunidades possível. Agradeço a todos os amigos, professores, colegas e familiares que contribuíram para o meu crescimento humano e profissional.

## Resumo

Durante os anos de 1967 e 1968 Erich Erdstein conduziu uma investigação no Brasil procurando desvendar um complô nazista que escondia criminosos de guerra em solo sul americano. Enquanto ele fazia essa investigação ia soltando notas à imprensa por acreditar que a visibilidade o ajudaria nessa situação. Isso desagradou muitas das pessoas envolvidas que também soltaram notas contra a investigação do suposto detetive. Erdstein foge do país e dez anos depois, em 1977, publica o livro “O Renascimento da Suástica no Brasil: A verdadeira história dos meninos do Brasil”, contando os detalhes da sua busca e reafirmando que havia nazistas escondidos no país e que ele tinha atirado e matado Josef Mengele em Foz do Iguaçu. No presente trabalho busco compreender como essa situação foi construída e algumas repercussões do caso através de uma perspectiva da História Social da Literatura que proporcionou instrumentos para refletir a respeito do contexto o qual Erich Erdstein e seus contemporâneos viviam por meio dos elementos apresentados no livro e nos jornais. Essa pesquisa demonstrou que o contexto de ditadura militar foi um dos principais motivos pelos quais Erich conseguiu transitar e inquirir tanta gente, pois se apresentando como policial do DOPS, o que depois foi comprovado ser um título falso, dificilmente alguém (inclusive policiais e delegados) questionava seus métodos, batidas policiais sem mandatos, interrogatórios, entre outras atitudes do austríaco. Além disso, foi observado também que existia um esforço muito grande de se negar que existiam nazistas no Brasil principalmente por parte das elites. Por mais que Erich Erdstein tenha tido uma conduta questionável, suas aventuras escancararam uma faceta do pós-guerra importante para compreender a política nacional e internacional a respeito do nazismo e assim podemos entender as manifestações recentes dessa ideologia.

Palavras-chave: Nazismo; Ditadura Militar; Literatura;

## Abstract

Between 1967 and 1968, Erich Erdstein conducted an investigation in Brazil after a Nazi organization that hid war criminals on South America. While he was doing this investigation, he released notes to the press because he believed that visibility would help him in this situation. Many of the people involved disliked the exposure and also started to issue notes to the press against the alleged detective's investigation. Erdstein flees the country in 1968 and almost ten years later, in 1977, he published a book called "Insight the Fourth Reich: the real story of the boys from Brazil", telling the details of his investigation and reaffirming that there were Nazis hidden in Brazil and that he had shot and killed Josef Mengele in Foz do Iguaçu. In this essay, I seek to understand how this situation was constructed through a perspective of the Social History of Literature that provided instruments to reflect on the context in which Erich Erdstein and his contemporaries lived, through the elements presented in the book and in newspapers. This research demonstrated that the context of the military dictatorship was one of the main reasons why Erich managed to transit and inquiry so many people, as he presented himself as a DOPS police officer, which was later proved to be a false title, practically nobody questioned his methods, police raids without mandates, interrogations, among other attitudes of the Austrian. Furthermore, it was also observed that there was a great effort to deny that there were Nazis in Brazil, mainly by the elites. As much as Erich Erdstein has had a questionable conduct, his adventures burst open an important postwar facet to understand the national and international policy regarding Nazism and so we can understand the recent manifestations of this ideology

Keywords: Nazism; Military dictatorship; Literature;

## Lista de Figuras

Figura 1: Capa da edição de 1977, exclusiva para sócios do Círculo do Livro .....	199
Figura 2: Capa da edição de 1979.....	20
Figura 3: Foto da Contracapa da edição de 1979 .....	20
Figura 4: Capa do livro “Os Meninos do Brasil” de Ira Levin publicado em 1976 .....	22
Figura 5: Reportagem do Jornal Diário do Paraná, edição 03742 de 1968 – parte 1 .....	51
Figura 6: Reportagem do Jornal Diário do Paraná, edição 03742 de 1968 – parte 2 .....	53
Figura 7: Reportagem do Jornal Diário do Paraná, edição 03742 de 1968 – parte 3 .....	54
Figura 8: Reportagem do Jornal do Brasil edição 00221 de 1968.....	56
Figura 9: Reportagem do Jornal Diário do Paraná, edição 04087 de 1969.....	59
Figura 10: Reportagem do Jornal “O Estado” de 18 de maio de 1980.....	60

## Sumário

Introdução.....	11
1. Contextualização.....	14
2. A Obra de Erich Erdstein e Barbara Bean .....	19
2.1 Os autores.....	19
2.2 O livro .....	24
2.3 Reflexões.....	46
3. Algumas repercussões.....	49
4. Considerações Finais .....	63
5. Referências Bibliográficas .....	65

## Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o livro “O Renascimento da Suástica no Brasil”, pensando nos fatores que permitiram que ele fosse criado, a história que ele traz, a investigação feita pelo narrador e personagem principal, o impacto na vida das pessoas que ele cita e o papel que o governo e a mídia exerceram nessa situação. Nesse livro é apresentada uma faceta do efeito pós-guerra: a caça aos nazistas fugidos dos tribunais europeus que se esconderam no Brasil. O livro conta a vida e investigação de Erich Erdstein, um judeu austríaco que fugiu da Europa em 1938 e chegou ao Uruguai sem muitas perspectivas de vida. Com uma persona digna de um espião de Hollywood, Erdstein conta suas aventuras nas terras sul americanas divulgando como conseguiu influência entre as elites paraguaias e brasileiras, o que o levou a ter um cargo na polícia paranaense. Na sua busca para prender os criminosos escondidos no Brasil, acha uma rede nazista com pessoas de altos escalões nas hierarquias políticas e sociais das cidades que passa. O livro também conta as investigações do detetive em solo Paraguai e Argentino, porém aqui irei focar apenas em sua passagem pelo Brasil.

Publicado em 1979 no Brasil, esse livro se insere em um contexto pós Segunda Guerra Mundial que, de acordo com Marcos Meinerz, houve uma “formação de um imaginário político conspiratório” (2011, p.147) no qual se acreditava que os nazistas fugidos da Alemanha após a guerra planejavam a ascensão do império alemão ariano. Essa nova leva do nazismo se iniciaria na América do Sul, especificamente na Argentina, Paraguai e no Brasil. Os intitulados “Caçadores de Nazistas” passam a publicar diversos livros narrando suas aventuras atrás desses criminosos de guerra, alguns se assumindo como autores de ficção e outros se colocando como testemunhas e investigadores dessas caças. Várias publicações insinuam que Hitler não havia se suicidado em um *bunker* na Alemanha em 1945, mas sim conseguido fugir para a Patagônia ou sobrevivido nos Estados Unidos até 1967 com a ajuda de pessoas com altos cargos políticos (MEINERZ, p.147, 201). Outros nazistas também são focos desses livros, como Martin Bormann, Josef Mengele, Gustav Wagner.<sup>1</sup> De acordo com Meinerz (2018) essas caçadas reais e fictícias começaram a ficar mais intensas após Adolf

---

<sup>1</sup>Bormann foi chefe da *Parteikanzlei* (Chancelaria do Partido Nazi) e acumulou um poder muito significativo no Terceiro Reich por sua posição de secretário privado de Adolf Hitler. Mengele era oficial alemão da *Schutzstaffel* (SS) e médico no campo de concentração de Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial ficou conhecido como Anjo da Morte pelos experimentos feitos por ele em prisioneiros judeus. Wagner foi oficial austríaco da *Schutzstaffel* (SS) comandante do campo de concentração de Sobibór conhecido como “a besta” ou “o lobo” por conta de seu sadismo com os prisioneiros.

Eichmann, o responsável pelo que foi chamado de “solução final” durante o regime nazista na Alemanha, ter sido encontrado em Buenos Aires em 1960.

O livro de Erdstein e Bean<sup>2</sup> é um exemplo dessa tendência e mesmo sendo categorizado como uma ficção policial por muitos jornais e guias de leitura, há diversas evidências que a personagem principal de fato fez uma investigação pelos lugares que passou como Rio do Sul, Marechal Candido Rondon e Foz do Iguaçu por conta das notas nos jornais que Erich Erdstein ia soltando durante a caçada e assim divulgando nomes de muitas pessoas como médicos, prefeitos, delegados que supostamente eram nazistas. Isso levou à uma grande comoção por parte das famílias envolvidas e da população das cidades, que também foram até jornais para se defender e injuriar o responsável.

O recorte do presente trabalho se inicia em 1967, que abarca as primeiras coberturas jornalísticas das caças aos nazistas feitas pelo autor, ano que de acordo com o livro, Erich começa sua investigação do complô nazista no Brasil. No final de 1968, Erdstein foge para o Reino Unido com medo do que poderia acontecer com ele no Brasil e lá conta suas aventuras em diversas entrevistas. Isso causa um desconforto muito grande nas autoridades brasileiras que iniciam uma investigação sobre Erdstein e soltam reportagens apontando-o como estelionatário e negando a existência de nazistas no país. Dez anos depois, em 1977, o livro é lançado em Nova York e é traduzido no Brasil em 1979, reabrindo a ferida que esse caso deixou principalmente no sul do país. Novas reportagens aparecem tentando desmentir tudo o que está escrito no livro, dando voz às famílias afetadas e novos dossiês a respeito da conduta de Erich Erdstein são publicados.

Para além de qualquer juízo de valor a respeito de quem está acusando ou sendo acusado de nazismo, o objetivo principal deste trabalho é entender como essa situação foi construída e como a obra de Erich se insere no contexto em que foi escrita, tentando analisar os diferentes interesses, mentalidades, memórias que envolvem a população do sul do Brasil a respeito do nazismo e a postura do governo militar em curso com relação a esse assunto. Busco realizar isso através da metodologia da História Social da Literatura que de acordo com Antônio Candido (2000) tem como objetivo compreender a relação dialética entre literatura e sociedade.

O primeiro capítulo será destinado a uma contextualização de como o nazismo se expressou no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, como o governo brasileiro se posicionou nesse momento, algumas questões sobre os anos pós-guerra, destino de muitos

---

<sup>2</sup> Barbara Bean ao que tudo indica foi a “escritora-fantasma” que auxiliou Erich Erdstein na escrita do livro.

nazistas e a atuação dos caçadores de nazistas. No segundo capítulo a discussão será voltada para o livro, primeiro com algumas reflexões sobre os autores, a capa, o subtítulo, etc. depois um resumo dos pontos essenciais para conhecer a atuação de Erdstein em seus anos no Brasil e por fim algumas considerações de como podemos enxergar o livro como um testemunho histórico do autor. No terceiro capítulo, volto a entender os efeitos produzidos por esse livro através de algumas reportagens de jornais publicadas a respeito de Erich Erdstein e sua investigação. Para compreender esses efeitos a análise dos jornais será feita pela perspectiva de Tania Regina de Luca (2006) que propõe compreender para além do que está escrito diretamente no jornal também quem está emitindo esse discurso, pois isso influencia diretamente de como as informações são passadas e como afeta a subjetividade daquele que consome essas narrativas. Por fim, nas considerações finais irei refletir a respeito de como foi possível um homem como Erich Erdstein conduzir uma investigação por dois anos em solo brasileiro, pensando em como a ditadura militar operava e nas ideias que ele levantou em seu livro a respeito do fascismo que operava naquele contexto.

## 1. Contextualização

De acordo com Ana Maria Dietrich (2007, p.107), as ideias nazistas e fascistas tiveram uma boa aceitação por parte da população brasileira, entre 1928 à 1938: “O grupo nazista instalado no Brasil teve a maior célula fora da Alemanha com 2900 integrantes sendo estruturado de acordo com regras e diretrizes do modelo organizacional do III Reich”. As propostas higienistas aplicadas nos primórdios da república demonstram uma identificação, principalmente da elite, com essa ideologia de “limpeza social” (SOBRINHO, 2013). Getúlio Vargas fechou diversos acordos políticos e econômicos com a Alemanha nazista principalmente com o foco na caça à comunistas até 1942 (DIETRICH, 2007, 174) e por isso a autora aponta que o ditador brasileiro “fechava os olhos” para os grupos nazistas brasileiros nesse momento (2007,119). Segundo Gustavo Baptista Barbosa, Getúlio Vargas tentou utilizar a disputa entre as duas principais nações rivais durante a guerra a seu favor, pois a luta por hegemonia entre Estados Unidos e o III Reich possibilitava uma margem de manobra para que o Brasil conquistasse ganhos em troca de apoio (BARBOSA, 1991, p.331)

A partir de 1938<sup>3</sup> os partidos nazistas começam a ser perseguidos pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e o DEOPS (Departamento Especializado de Ordem Política e Social, a polícia política) por entrarem em conflito com as diretrizes da campanha de nacionalização do Estado Novo. Essa campanha tinha como objetivo a delimitação e construção de uma identidade nacional brasileira e com ela não somente imigrantes alemães como italianos, japoneses entre outras nacionalidades também foram perseguidos (WERLE, 2012, p.1). De acordo com o relato de Ritter, embaixador alemão no Brasil na época, em uma reunião Getúlio Vargas: “justificou que o partido nazista só foi proibido porque ele não poderia conceder uma exceção, uma vez que todos os partidos foram proibidos, inclusive os brasileiros” (DIETRICH, 2007, p. 178). Outra face desse projeto foi a restrição de entrada de novos imigrantes no Brasil e o estímulo à migração interna de pessoas do norte e nordeste para o centro-sul com o intuito de evitar criação de “Estados dentro de Estados” e proteger o trabalhador de nacionalidade brasileira (OLIVEIRA, 2013, p.3). Isso impactou principalmente na entrada de refugiados da guerra, pois de acordo com Barbara Ferraz (2016, p.15) o antissemitismo da Era Vargas era evidente, porém velado<sup>4</sup> e a imagem

---

<sup>3</sup>Decreto Lei nº383, de 18 de abril de 1938.

<sup>4</sup>Barbara Ferraz (2016, p.23) aponta que existiam circulares secretas e decretos que classificavam a população judaica como “indesejável”. O pensamento preconceituoso da elite era bem claro, nas palavras de Pedro Rocha os judeus eram: “Raça inassimilável e egoísta. Ingrata, sem patriotismo e altamente prejudicial ao país que a abriga. Psicologicamente degenerada. Estupidamente intolerante em matéria religiosa. Considera inimiga o resto da humanidade. Os indivíduos não se adaptam a nenhum trabalho produtivo...São comerciantes, usuários ou

dos judeus era diretamente atrelada ao comunismo, gerando uma discriminação dupla (FERRAZ, 2016, p.24). Portanto, com o Decreto-lei nº. 406, de 04 de maio de 1938, que em seu enunciado tinha como objetivo “preservar a constituição étnica do Brasil, suas formas políticas e seus interesses econômicos e culturais” (OLIVEIRA, 2013. p.4), se recusou a entrada de pelo menos 16 mil refugiados da guerra<sup>5</sup>, inclusive de Erich Erdstein como veremos mais à frente.

De 1939 a 1941, o Brasil se posicionava como neutro diante a guerra, pois não era interessante um país periférico e distante se envolver nesse conflito, além de que, como apontado anteriormente, se mantendo neutro a possibilidade de barganha com países dos dois lados aumentava (OLIVEIRA, 2021).<sup>6</sup> Somente em 1942, após os ataques às embarcações mercantes brasileiras em agosto, o governo declara a entrada da nação no conflito ao lado dos aliados (FERRAZ, 2005).<sup>7</sup> A relação do Brasil com a Alemanha é cortada, as embaixadas são retiradas, diplomatas alemães que ocupavam diversos cargos deixam o país, alemães e teuto-brasileiros são presos e fichados, e seus estabelecimentos depredados (DIETRICH, 2007, p. 181). Essas pessoas se sentiam extremamente injustiçadas de acordo com Ana Maria Dietrich: “Ocorreram diversas reclamações de alemães que foram presos junto a negros e mulatos brasileiros e tratados da mesma maneira” (DIETRICH, 2007, p. 182).

Essa posição do Brasil ao lado dos aliados, para além das rivalidades citadas anteriormente, reacendeu uma questão que há muitos anos já existia entre a população a respeito da ideologia da germanidade ou *Deutschtum* em outras partes do Brasil além do Sul (VOGT, 2007, p. 226). De acordo com Paulo Vogt essa ideologia foi defendida em diferentes intensidades desde 1824, início da imigração alemã para o Brasil e consistia em manter as

---

servem de intermediários para qualquer negócio. Vivendo exclusivamente da exploração do próximo é desumano e sem escrúpulo [...]. Quase todos são comunistas militantes ou simpatizantes do credo vermelho.” (Carta de Pedro Rocha, delegado comercial, para Jorge Latour, encarregado de Negócios do Brasil. Varsóvia, 15.10.1936, op.cit). (FERRAZ, 2016, p.24)

<sup>5</sup>Dado retirado da reportagem de João Fellet para a BBC Brasil: “Documentos diplomáticos compilados por Maria Luiza Tucci Carneiro, professora do Departamento de História da USP, mostram que o Brasil rejeitou ao menos 16 mil pedidos de visto feitos por judeus que fugiam do Holocausto”. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46899583#:~:text=Apesar%20das%20restri%C3%A7%C3%B5es%2C%20milhares%20de,Israelita%20do%20Brasil%20\(Conib\)](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46899583#:~:text=Apesar%20das%20restri%C3%A7%C3%B5es%2C%20milhares%20de,Israelita%20do%20Brasil%20(Conib).). Acesso em: 20 de fev. de 2021

<sup>6</sup> Informações retiradas da entrevista de Dennison de Oliveira, professor da UFPR para o podcasts História FM publicado em 22 de fevereiro de 2021. HISTORIA FM 050: As batalhas da FEB: o Brasil da Segunda Guerra Mundial. Entrevistado: Dennison Oliveira. Entrevistador: Icles Rodrigues. Independente, 22 fev. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4d1lnERMnFpGTdJiu403pg>. Acesso em: 24 fev. 2021

<sup>7</sup> Paginação não disponível no documento digital disponibilizado pelo Google Books. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=n23TDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT23&ots=IHUiBEPNWg&sig=5RwcJAI60A\\_JILz2aYLP685Nk8#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=n23TDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT23&ots=IHUiBEPNWg&sig=5RwcJAI60A_JILz2aYLP685Nk8#v=onepage&q&f=false). Acesso em 21 de fev. de 2021

raízes culturais dos imigrantes em solo brasileiro (VOGT, 2007, p. 226). Por conta da concentração demográfica desses imigrantes no sul, o autor aponta que diversos intelectuais e políticos acusavam esse povo de conspirarem para separar o sul do resto do país e entregar ao domínio da Alemanha. Por mais que essa discussão já acontecesse há muito tempo, somente no Estado Novo se iniciou o projeto de assimilação compulsória da população teuto-brasileira (VOGT, 2007, p.254).

Em 27 de janeiro de 1945, o exército vermelho liberta as últimas vítimas de Auschwitz e em fevereiro avançam sobre o território alemão se estabelecendo na cidade de Kostrzyn, hoje na Polônia. Em março tropas britânicas e norte-americanas ocuparam a margem ocidental do Rio Reno e em abril se encontram com os soviéticos. Hitler e sua esposa Eva Braun cometem suicídio em 30 de abril de 1945, e seus corpos são queimados no jardim da Chancelaria do Reich. Em 8 de maio a Alemanha assina a capitulação incondicional e a guerra chega ao seu fim oficialmente.

O Tribunal de Nuremberg<sup>8</sup> é formado por representantes da Inglaterra, Estados Unidos, França e União Soviética e de acordo com Trevisan e Amaral (2008, p.6) tinha o intuito julgar apenas os grandes líderes do partido nazista, enquanto os outros soldados, oficiais de patente média ou outras pessoas que perpetraram crimes de guerra e contra a humanidade deveriam ser julgados nas respectivas cidades onde o crime aconteceu ou em tribunais locais alemães (TREVISAN; AMARAL, 2008, p.2). Das 22 pessoas julgadas, 12 foram condenadas à morte, 3 à prisão perpétua, 2 à 20 anos de prisão, 3 de 10 a 15 anos de prisão e 2 foram absolvidos<sup>9</sup>. De acordo com Renata Aparecida Frigueri por mais que existissem suspeitas dos atos ocorridos nos campos de concentração por causa de interceptação de mensagens e testemunhos de vítimas que fugiram, somente depois da guerra que descobriram a dimensão da logística de extermínio que foi criada e muitos nomes de responsáveis só foram descobertos durante esse julgamento (2014, p.5).

Marcos Meinerz aponta que muitos membros do governo nazista preferiram fugir ao invés de enfrentar os tribunais, mas não somente essas pessoas como alemães que não se envolveram dessa forma com a guerra migraram, para escapar da fome, destruição e

---

<sup>8</sup> Leva o nome da cidade a qual foi sediado: Nuremberg, Alemanha.

<sup>9</sup> Martin Bormann, Hans Frank, Wilhelm Frick, Hermann Göring Alfred Jodl, Ernst Kaltenbrunner, Wilhelm Keitel, Joachim Von Ribbentrop, Alfred Rosenberg, Fritz Sauchel, Arthur Seyss-Inquart e Julius Streicher( condenados à morte por enforcamento), Walter Funk, Rudolf Hess e Erich Raeder (prisão perpétua), Baldur Von Schirach e Albert Speer (20 anos de prisão), Konstantin Von Neurath (15 anos de prisão), Karl Dönitz (10 anos de prisão) e Hans Fritzsche e Hjalmar Schacht (absolvidos) (FRIGUERI, 2014, p.4)

insegurança política e jurídica deixada pelo conflito (2014, p.42). Arquivos da “Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina” (CEANA)<sup>10</sup> apontam que a Argentina era o principal destino de muitos, devido sua posição neutra durante toda a disputa e a aceitação pelo governo de Perón de esconder criminosos nazistas: “Depois de desembarcarem no novo continente, os imigrantes alemães espalharam-se por outros países da América do Sul como o Brasil, Paraguai, Bolívia e Uruguai” (MEINERZ, 2014, p.42, 43).

Ao aceitar esses fugitivos do tribunal, Marcos Meinerz aponta que o intuito de Perón era que os cientistas, técnicos, engenheiros, militares da aeronáutica e do exército trouxessem seus conhecimentos para a Argentina e transformassem o país em uma superpotência na América Latina, sem contar que o líder admirava muito as ideias fascistas (MEINERZ, 2014, p.45). O governo argentino coordenou e pagou todo o processo de migração dos mais cruéis militares em conjunto com a Igreja Católica e a Cruz Vermelha e essa operação ficou conhecida como Odessa (MEINERZ, 2014, p.46).<sup>11</sup>

O que foi denominado como Guerra Fria segue logo após o término da Segunda Guerra Mundial, tendo como marco o discurso de Churchill sobre a “Cortina de Ferro” em 1946 que estabelecia na Europa as áreas de influência capitalista e comunista e o desenvolvimento da Doutrina Truman, uma campanha que pretendia defender o mundo capitalista contra o comunismo. Assim os governantes escolhem se manter em conflito pelas décadas seguintes e a população segue aflita com a possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial.

O clima de ansiedade e insegurança era evidente neste momento e os meios de comunicação em massa contribuem para essa atmosfera com manchetes e reportagens sensacionalistas. Com a captura de Adolf Eichmann na Argentina em 1960 pelo serviço secreto de Israel e seu julgamento sendo televisionado mundialmente, pela primeira vez se torna pública e concreta a existência de nazistas escondidos na América do Sul (FRIGERI, 2014, p.1). Essa captura também tornou conhecido o trabalho de caçadores de nazistas como Simon Wiesenthal, Serge Klarsfeld, Efraim Zuroff, entre outros.

No momento da investigação de Erich Erdstein no Brasil, de 1967 a 1968, até a publicação de seu livro em 1977, o país passava pela ditadura militar. O governo ditatorial brasileiro se estendeu de 1964 até 1985 e o que de acordo com Daniel Araújo Reis (1988, p.48)

---

<sup>10</sup> *Comisión para El Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina*, CEANA foi criada em 1997 (MEINERZ, 2014, p.42)

<sup>11</sup> Outras operações com o mesmo intuito que a Odessa foram desenvolvidas como a Operação Paperclip pelos estadunidenses, Operação Osoaviakhim pelos soviéticos, Operação Surgeon pelos britânicos, etc.

teria sido um golpe dado sob bandeiras defensivas da democracia, família, o direito, a lei, a constituição, etc. se mostrou ser um acordo empresarial-militar contra a organização nacional das classes trabalhadoras. Com a proposta de erradicar o comunismo do Brasil as medidas repressoras foram escalonando até chegar no período que conhecemos como “anos de chumbo” da ditadura, marcado pelo decreto AI-5<sup>12</sup> de 1968 até o final do governo Médici em 1974. Em 9 de fevereiro de 1967 foi decretada a lei 5.250 que regulava “a liberdade de manifestação do pensamento e de informação” e nela se colocava proibido:

Divulgação de notícias falsas capazes de colocar em perigo o nome, a autoridade e crédito ou prestígio do Brasil; ofensa à honra do presidente de qualquer dos poderes da União; incitação à guerra ou à subversão da ordem político-social, à desobediência coletiva às leis, à animosidade entre as forças armadas, à luta entre as classes sociais, à paralisação dos serviços públicos, ao ódio ou à discriminação racial; propaganda subversiva; incitamento à prática de crimes contra a segurança nacional, [...] publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes<sup>13</sup>

O que se configurava ofensa ao governo, subversão e afins não é deixado claro no texto da lei, deixando à interpretação do órgão estatal fiscalizador. Portanto nesse momento a imprensa é vigiada para que nenhuma informação ou crítica contra o governo chegasse na população podendo chegar à anulação de publicações, multas e prisões de jornalistas. Segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva (2007, p.255, 256) a partir de 1974 a ditadura militar entra em crise por questões econômicas como a crise do petróleo de 1973 e questões internas como a perda de apoio de parte da população quando o governo mostra sua “verdadeira face”<sup>14</sup>, além da constante ação da oposição, organizações sociais e assim se inicia um processo de abertura política gradual até 1985<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> Lei de 13 de dezembro de 1968 que decretou o fechamento do Congresso Nacional assim como autorizou o presidente a decretar estado de sítio por tempo indeterminado, proibiu a garantia de habeas corpus em casos de crimes políticos, autorizou a demissão de pessoas do serviço público, cassação de mandatos, confisco de bens privados, intervenção em todos os estados e municípios, etc.

<sup>13</sup> Texto retirado do verbete sobre a lei de imprensa disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-de-imprensa>. Acesso em: 12 de abr. de 2021

<sup>14</sup> Francisco Carlos Teixeira da Silva coloca que a mesma população que apóia o golpe começa a mudar de ideia quando vê as amplas cassações, profunda repressão a sindicatos, denúncias de torturas e mortes por parte dos militares (2007, p.256).

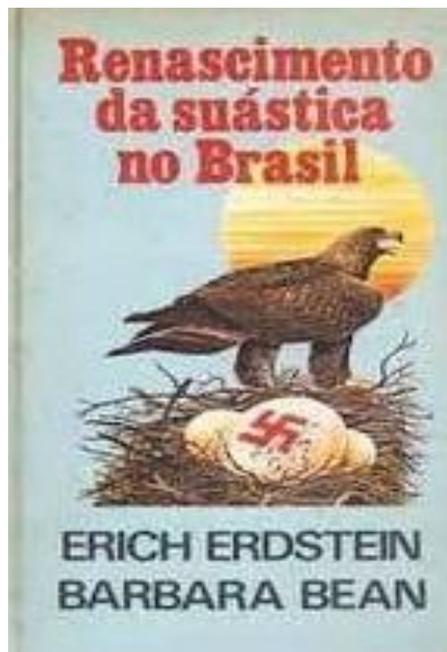
<sup>15</sup> Quando Erich Erdstein lança seu livro em 1977 ele não se encontrava no Brasil, e sim no Canadá, mas a tradução do texto chega aqui no mesmo ano como veremos no item a seguir. Essa publicação me leva à algumas suposições do porque o livro não foi barrado pela censura já que está recheado de críticas ao governo militar: (1) o fato de ter sido publicado em um momento de reabertura política fez com que não passasse por uma severa avaliação do órgão responsável, (2) pelo fato de Erich já ter sido funcionário da polícia e ter amigos próximos militares, (3) por ser a história de uma investigação conhecida mais no interior do sul do país e não tanto nos centros, (4) já havia passado 10 anos o que fez com que os ânimos já estivessem mais calmos. Infelizmente não encontrei meios de confirmar essas suposições durante a pesquisa, mas quando o livro começa a circular mais no Brasil, depois de 1979, é possível observar que a “ferida” dessa investigação esquecida é reaberta e novas reportagens a respeito do caso são publicadas por jornais de Santa Catarina e Paraná.

## 2. A Obra de Erich Erdstein e Barbara Bean

### 2.1 Os autores

O livro foi publicado primeiramente pela St. Martin's Press Inc. de Nova York em 1977, com o título "InsidetheFourth Reich: The Real Storyof The Boys fromBrazil". Jornais apontam que foi distribuída no Brasil em 1979 pela Editora Nórdica com o título "O Renascimento da Suástica no Brasil: A Verdadeira História dos Meninos do Brasil", porém a edição utilizada no presente trabalho é a do Círculo do Livro, exclusiva para sócios, publicada com licença editorial da Nórdica e datada em 1977. Essa edição foi traduzida por Wilma Ronald de Carvalho e não vem com o subtítulo. Possui 198 páginas, a capa foi feita por Eduardo Carlos Pereira e foi composto, impresso e encadernado pela Linoart Ltda.

Figura 1: Capa da edição de 1977, exclusiva para sócios do Círculo do Livro



**Fonte:** Foto de acervo pessoal.

A edição que foi para as prateleiras das livrarias brasileiras foi a de 1979, publicada pela editora nórdica cuja capa é:

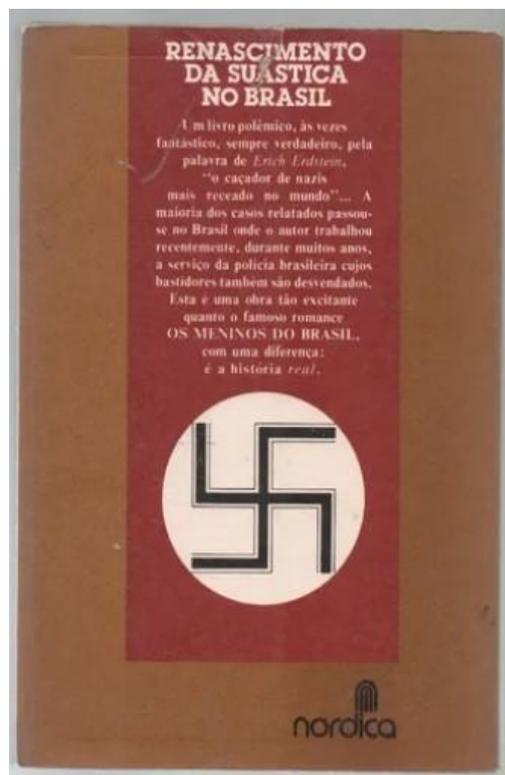
---

Figura 2: Capa da edição de 1979



Fonte: Anúncio da venda do livro no site Mercado Livre.

Figura 3: Foto da Contracapa da edição de 1979



Fonte: Anúncio da venda do livro no site Mercado Livre.

O texto da contracapa desta edição que teve maior circulação no Brasil tem escrito:

Um livro polêmico, as vezes fantástico, sempre verdadeiro pela palavra de Erich Erdstein “o caçador de nazis mais receado do mundo”... A maioria dos casos relatados passou-se no Brasil onde o autor trabalhou recentemente, durante muitos anos, à serviço da polícia brasileira cujos bastidores também são desvendados. Esta é uma obra tão excitante quanto o famoso romance OS MENINOS DO BRASIL, com uma diferença: é a história *real*.

O subtítulo dessa edição e a obra citada na contracapa faz referência ao livro de Ira Levin “Os Meninos do Brasil” publicado em 1976. Esse livro conta a história da busca de Yakov Liebermann, um experiente caçador de nazistas judeu austríaco que recebe uma ligação de um jovem estadunidense no Brasil. Esse jovem descobriu, grampeando uma reunião de nazistas, que, encabeçados por Josef Mengele, pretendiam matar 94 homens: todos funcionários públicos com 65 anos. Antes de receber mais informações o jovem foi morto enquanto estava ao telefone com Liebermann, o que faz a personagem começar sua investigação.<sup>16</sup>

Liebermann descobre que Josef Mengele havia clonado Hitler no Brasil e enviado 94 cópias para serem adotadas por diversas famílias na América do Norte e Europa que supostamente tinham o mesmo perfil da família de Hitler: um funcionário público casado com uma mulher 23 anos mais nova. Esses 94 homens deveriam ser assassinados depois de 13 anos em datas específicas, porque Adolf Hitler havia perdido seu pai nessa idade e isso seria suficiente para que esses “hitlerzinhos” tivessem a mesma personalidade do ditador. O plano de Mengele é suspenso pela organização nazista que o apoiava, pois o caçador de nazistas estava chegando muito perto de encontrá-los, mas Mengele, com medo de perder todos os seus anos de esforços, vai até a casa do próximo clone que deveria perder o pai para matar o homem pessoalmente, mesma casa que Liebermann vai visitar para alertar que a pessoa estaria correndo perigo.<sup>17</sup>

O “Anjo da Morte” chega primeiro e consegue matar o pai do menino. Logo depois chega Liebermann e os dois entram em combate, Liebermann leva um tiro. O garoto, que se chama Bobby, chega nessa hora e Mengele tenta convencê-lo que o conhece melhor que ele mesmo, porque ele o criou, dizendo que o menino é Hitler e que tinha um futuro brilhante pela frente, Liebermann diz para o menino que Mengele assassinou seu pai. Os cachorros de Bobby identificam que o médico estava armado o que faz o menino mandar seus cachorros atacá-lo e

---

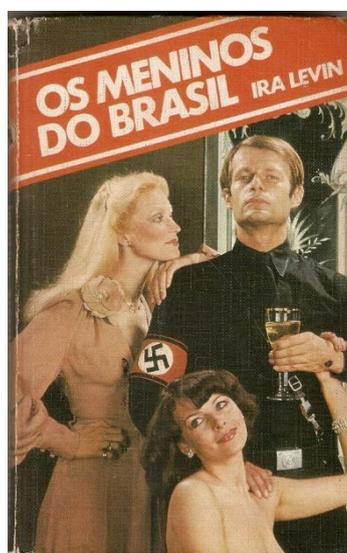
<sup>16</sup>LEVIN, Ira. **Os Meninos do Brail**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

<sup>17</sup>Ibidem.

assim Mengele é morto. Libermann destrói a lista das 94 famílias para que um caçador de nazistas mais jovem não mate os clones, alegando que ainda eram crianças inocentes e que era moralmente errado. O livro termina com Bobby fazendo uma pintura e sonhando em influenciar milhares de pessoas, acenando para a ideia de que o plano de Mengele foi um sucesso.<sup>18</sup>

Ira Levin é mais conhecido pelos romances de ficção científica e suspense como “O Bebê de Rosemary” e “Mulheres Perfeitas”, mas de acordo com o The Guardian o livro Os Meninos do Brasil foi um sucesso na época e apontam que a personagem de Yakov Libermann é baseado em dois famosos caçadores de nazistas: Simon Wiesenthal e Serge Klarsfeld.<sup>19</sup>

Figura 4: Capa do livro “Os Meninos do Brasil” de Ira Levin publicado em 1976



**Fonte:** Anúncio da venda do livro no site da Amazon.

Há muitas similaridades entre os dois livros, desde o herói ser um judeu austríaco, o nazista principal a ser perseguido é Josef Mengele, o local onde a trama se passa é principalmente o Brasil, etc. O livro de Erich Erdstein foi publicado um ano depois do livro de Ira Levin, mas a investigação de Erich começou pelo menos 10 anos antes, em 1967. Não é possível saber quando Erdstein iniciou a escrita do livro, mas as reportagens apresentadas nos próximos itens apontam que logo que o austríaco sai do país ele vende os direitos de publicação da sua história. De qualquer forma, a divulgação de seu livro estava diretamente

<sup>18</sup>Ibidem.

<sup>19</sup> Informações retiradas da reportagem disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2011/aug/07/boys-from-brazil-levin-review>. Acesso em 17 de mar. de 2021.

atrelada a esse outro, que inclusive foi adaptado para filme em 1978, dirigido por Franklin J. Schaffner e teve três indicações ao Oscar e uma ao Globo de Ouro.<sup>20</sup>

Muito pouco se encontra sobre a coautora Barbara Bean, nenhuma menção a ela em reportagens sobre o caso foram encontradas, nem páginas com informações pessoais ou profissionais. Pesquisando seu nome como escritora em catálogos de autores<sup>21</sup> é possível encontrar livros de assuntos muito diversificados publicados principalmente nos Estados Unidos. Livros como “*The electric slow cooker cookbook*” (Livro de receitas para panela elétrica) de 1975<sup>22</sup>, “*The me nobody knows: a guide for teensurvivors*” (O eu que ninguém conhece: um guia para adolescentes sobreviventes) de 1997<sup>23</sup> ou “*Dream house*” (Casa dos sonhos) de 2001.<sup>24</sup> Além disso, foi encontrada uma tese defendida em 1987 com o nome: “Effectsof a pre-serviceeducationprogramthatstressedtheknowledgeoflearningstylesandmetacognitivestrategies ontheselectionandpresentationofclassroomandcomputermaterials” (Efeitos de um programa de educação inicial que enfatizou o conhecimento de estilos de aprendizagem e estratégias metacognitivas na seleção e apresentação de sala de aula e materiais de informática). Não é possível confirmar se todos esses livros foram escritos pela mesma pessoa, pois não foram encontradas informações suficientes para isso, porém, caso sejam acredito que Barbara Bean tenha sido contratada por Erich Erdstein para ajudá-lo na escrita e edição de seu livro, cuja a história é toda voltada para ele, o narrador e personagem principal, assim como as reportagens sobre o caso.

---

<sup>20</sup> Informações retiradas da página da Wikipédia sobre o filme. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Boys\\_from\\_Brazil](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Boys_from_Brazil). Acesso em 10 de mar. de 2021.

<sup>21</sup> Os sites pesquisados foram na “Base Virtual Internacional de Autoridade” disponível em: <http://viaf.org/> e “Worldcat”, catálogo internacional online de bibliotecas disponível em: <https://www.worldcat.org/>.

<sup>22</sup> Publicado pela H. Regnery de Chicago.

<sup>23</sup> Um guia de exercícios e atividades para adolescentes que passaram por situações de abuso sexual, publicado pela Jossey-BassPublishers de São Francisco.

<sup>24</sup> Um livro de contos sobre relações interpessoais publicado pela editora Fort Collins de Colorado.

## 2.2 O livro

O livro é todo narrado em primeira pessoa por Erich Erdstein e aqui pretendo fazer um resumo relatando as passagens conforme são mostradas no livro. A história se inicia em outubro de 1968, em um escritório do serviço secreto britânico em Londres. Erdstein se encontrava ali há menos de uma semana com “uma surrada pasta de documentos e um Taurus calibre 38, com o qual matara o Dr. Josef Mengele, o “Anjo da Morte” nazista” e se propõe a narrar a sucessão de fatos que chegaram a esse desfecho.<sup>25</sup>

A história começa em 1938, Erdstein tinha 18 anos e se localizava em sua cidade natal, Viena.<sup>26</sup> A notícia que os alemães estavam invadindo a Áustria estava circulando na Universidade a qual estudava direito. Seu pai o manda fugir e só com as roupas do corpo Erich vende seu carro e compra uma passagem no transatlântico italiano *Conte Grande* para a América do Sul.<sup>27</sup> Seu objetivo era desembarcar no Rio de Janeiro, mas teve sua entrada recusada pelo funcionário alfândega<sup>28</sup> o que o fez seguir viagem até o porto seguinte, em Montevideú.<sup>29</sup>

Em 1939 Erdstein, que se encontrava no Uruguai, se voluntaria para lutar na guerra, porém as forças britânicas acreditam que ele seria mais útil servindo de apoio ao governo uruguaio como tradutor de mensagens, já que falava alemão, francês e inglês fluentemente, além de um pouco de espanhol e italiano.<sup>30</sup> No dia 13 de dezembro do mesmo ano o autor conta que após um combate entre o famoso navio de guerra alemão *Graf Spee* navios de guerra britânicos ao sul do Oceano Atlântico, o navio alemão aporta em Montevideú.<sup>31</sup> Os países latino americanos eram neutros naquele momento, mas o governo britânico exige que os uruguaios só deixem o navio alemão ficar 24 horas no porto, citando a Convenção de Haia e, não querendo se indispor com nenhum dos lados, o governo uruguaio dá um prazo para *Graf Spee* fazer seus reparos.<sup>32</sup> Erdstein relata que no dia seguinte os alemães pedem para enterrar os mortos da batalha e o governo permite, o narrador repara que os caixões dos

---

<sup>25</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P. 7 e 8.

<sup>26</sup>Ibdem. P. 9.

<sup>27</sup>Ibdem. P. 15.

<sup>28</sup> Como apontado no primeiro capítulo, nesse momento o Governo Vargas tinha resistência de aceitar refugiados estrangeiros, principalmente judeus, porém o autor não faz relação entre esses fatos na narrativa.

<sup>29</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P. 19.

<sup>30</sup>Ibdem, p. 25.

<sup>31</sup>Ibdem, p. 26.

<sup>32</sup>Ibdem, p. 27.

alemães pareciam mais pesados que o normal devido à dificuldade que os soldados mostraram ao carregá-los.<sup>33</sup>

Erdstein ganha relevância com os governos uruguaio e britânico quando propõem mandar mensagens via rádio para ver se os alemães estavam interceptando-as, o que se demonstra correto, pois o navio saiu do Uruguai antes do prazo estipulado e caiu na armadilha dos britânicos.<sup>34</sup> Com essa influência adquirida nesse episódio, o narrador, desconfiado dos caixões, pede para o governo uruguaio abrir as sepulturas dos alemães enterrados e descubrem que estavam cheias de armamentos.<sup>35</sup> Assim conta que consegue seu trabalho no serviço secreto britânico e a saga da desconfiança e busca de infiltrados nazistas na América Latina se inicia.

O autor coloca que não era um espião investigativo de segredos militares durante a guerra, ele só passava informações aos britânicos como nomes e pontos de vista de políticos, empresários, militares que frequentavam diferentes espaços de Montevideú.<sup>36</sup> Antes de chegar no Brasil o autor faz o relato de suas aventuras atrás de nazistas pela Argentina e Paraguai, mas como colocado anteriormente aqui irei focar somente em sua passagem pelo Brasil. Erdstein se mostra no livro como uma pessoa que transitava pela elite política sul americana e conta de várias amizades com famosos políticos como, por exemplo, o vice-presidente paraguaio, Fernando Chavez.<sup>37</sup>

Em 1944, quando muitos nazistas estavam certos que perderiam a guerra, o narrador afirma que chefes da *SS* e da *Gestapo* mandaram preparar documentos de identificação falsos para serem distribuídos entre os principais líderes. Além disso, procuraram mandar para o exterior grande parte da riqueza do partido com o objetivo de se reestruturar e fundar o IV Reich. Afirma também que em 1946 os alemães tinham criado 750 companhias no exterior como canal de fuga facilitada pelo caos pós-guerra.<sup>38</sup> O autor aponta que da Itália e da Suíça os fugitivos se dirigiam para países que não tinham tratado de extradição como a Argentina, cujo governo era favorável ao nazismo, pois Perón os dava asilo em troca de enormes

---

<sup>33</sup>Ibdem, p. 28.

<sup>34</sup>Ibdem, p. 29. Essa interferência de Erdstein não é confirmada, mas o *Graf Spee* de fato é afundado após sair do Uruguai em 17 de dezembro de 1939 (BOTELHO, 2019). Passagens como essa são identificadas em muitos momentos do livro: uma sucessão de eventos reais amplamente conhecida mas com a participação até então desconhecida de Erich Erdstein.

<sup>35</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P 33.

<sup>36</sup>Ibdem, p. 48.

<sup>37</sup>Ibdem, p. 40.

<sup>38</sup>Ibdem, p. 67.

quantidades de dinheiro.<sup>39</sup> Esse fato se dava, segundo Erdstein, pela tumultuada história política dos países latino americanos onde os governos eram relutantes a extraditar criminosos.<sup>40</sup>

Para entender como Erich chegou ao Brasil é preciso saber que ele trabalhava oficialmente para o serviço de segurança uruguaio desde 1947 e era amigo íntimo de muitos políticos do país. Por isso fora encarregado de tomar as providências necessárias para a visita de João Goulart ao país em 1950 e naturalmente se tornou amigo do político brasileiro.<sup>41</sup> Em 1957 se muda para o Rio de Janeiro e afirma que “praticamente desde o início de sua chegada esteve envolvido com investigações de golpes tramados por comandantes militares, intrigas políticas e movimentos revolucionários” e que achava que a democracia brasileira era extremamente frágil.<sup>42</sup> O narrador viajava frequentemente com João Goulart mantendo conversações com líderes políticos, cimentando alianças políticas, fazendo discursos, redigindo editoriais para jornais, fazendo de tudo para manter o governo democrático no poder de forma totalmente voluntária.<sup>43</sup> Quando Jango se torna presidente em 1961 ele coloca Erich Erdstein para trabalhar no Conselho de Segurança Nacional, mas por não poder ocupar uma função oficial pelo fato de ser um cidadão austríaco, é contratado como perito em investigações criminais, ações policiais e avaliação do serviço secreto.<sup>44</sup>

Erdstein conta que "à medida que os processos democráticos iam ruindo seu trabalho ia se tornando cada vez mais difícil. Antes que um golpe fosse abortado, outro já estava surgindo".<sup>45</sup> O autor conta a respeito de uma investigação que João Goulart o pede para acompanhar em Belo Horizonte sobre as inúmeras demonstrações da extrema direita na cidade e boatos sobre golpes contra o governo. Chegando lá seu objetivo era se infiltrar na organização para descobrir seus planos e para isso passa a frequentar clubes sociais, restaurantes e outros locais onde supostamente essas pessoas iam. Faz amizade com Padre Ramirez que chamou sua atenção por atacar Goulart, Quadros e outros membros do governo os chamando de ameaça vermelha.<sup>46</sup>

---

<sup>39</sup>Ibdem, p. 68.

<sup>40</sup> Em nenhum momento os autores apresentam dados ou referências que provem essas afirmações.

<sup>41</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P 71.

<sup>42</sup>Ibdem, p. 72.

<sup>43</sup>Ibdem, p. 72.

<sup>44</sup>Ibdem, p. 73.

<sup>45</sup>Ibdem, p. 74.

<sup>46</sup>Ibdem, p. 74.

Através do Padre o autor e espião da história consegue se infiltrar na organização de extrema direita e passa a ser um membro ativo para conseguir a confiança dos outros. Ele coloca que Josafat Macedo, presidente da associação rural nacional, era um dos principais articuladores que se moviam para derrubar o governo. Em uma reunião na casa de Macedo, Erich conhece o Coronel Bley, que apontado como um herói fascista local se vangloriava de uma batida num jornal favorável ao governo onde arrebatara as máquinas e agrediram o editor. Erdstein diz que se sente de volta aos anos 40 ouvindo aquelas pessoas e conclui que a ameaça nazista não havia acabado, estava apenas adquirindo um novo aspecto.<sup>47</sup>

Depois da reunião Macedo confia a Erdstein que estavam tentando arrumar armas o suficiente para dar o golpe, o que o narrador logo se disponibiliza para ajudar com o objetivo de descobrir a localização do esconderijo dos armamentos que já tinham<sup>48</sup>. Assim, marca um encontro com outro membro desse grupo chamado Alfredo Hernandez e fala que tinha conseguido armamentos contrabandeados do Paraguai e que chegariam em dois dias, por isso precisava de um lugar para guardá-los. Hernandez afirma que todos os armamentos ficavam escondidos em um retiro jesuíta perto do Aeroporto de Pampulha. Erdstein precisava informar isso ao Conselho de Segurança Nacional, mas não podia ser por telefone portanto seu plano era disfarçar por um tempo continuando sua rotina até poder voltar ao Rio de Janeiro<sup>49</sup>.

Em uma madrugada enquanto Erdstein voltava para o hotel quatro homens o agarram e o atiram dentro de um jipe amarelo. Eram policiais do DOPS que o levam para interrogatório e Erich acha que um dos membros da organização havia suspeitado de quem ele era e o denunciado, por isso não poderia revelar sua verdadeira identidade, pois assim iria estragar o plano de apreensão dos armamentos, dando a entender que policiais do DOPS poderiam estar envolvidos com a organização. Ele diz que é apenas um turista e ao ser questionado a respeito da compra de armas assegura que só estava “tentando se passar por um figurão” e que não tinha acesso a armas. Como realmente não tinha tentado comprar armamentos e não havia provas contra ele, depois de cinco dias é liberado e vai direto para o Rio de Janeiro<sup>50</sup>. Ao perceber que ainda estava sendo seguido no Rio, vai para o Conselho de

---

<sup>47</sup>Ibidem, p. 75.

<sup>48</sup>Ibidem, p. 75.

<sup>49</sup>Ibidem, p. 76

<sup>50</sup>Ibidem, p. 76, 77.

Segurança Nacional e vê os policiais que o seguiam “estupefatos e boquiabertos” ao ver a “sentinela postada na frente do prédio” cumprimentar Erich com familiaridade.<sup>51</sup>

Sem perder tempo, o austríaco faz seu relatório às pressas para o chefe do conselho que logo manda um contingente da polícia federal para Belo Horizonte. Armas e munições são encontradas no porão do retiro dos jesuítas e os principais líderes da organização de extrema direita são presos. Porém, Erdstein aponta que frustrantemente essa investigação não impediu que o golpe de Estado fosse realizado e seu amigo João Goulart deposto.<sup>52</sup> Ele aponta que percebe que não encontraria lugar junto a esse governo, mas coloca que felizmente alguns estados brasileiros ainda tinham uma certa independência e em um desses estados ele encontra seu novo lar.<sup>53</sup>

Durante uma visita ao Paraná, Erich Erdstein foi apresentado a Paulo Pimentel candidato a governador no momento. Mesmo o achando “um tanto frívolo” Erich diz que Pimentel se preocupava com os problemas do povo e por isso resolve trabalhar em sua campanha. Assim que assume o cargo, Pimentel o chama para trabalhar no departamento de polícia civil sob um “contrato especial com o governo”, Erdstein conta que assumiu a posição oficial de chefe investigativo da polícia civil, responsável por homicídios, narcóticos, corrupção e também participava do Departamento de Ordem Política Social (DOPS).<sup>54</sup> O autor coloca que era responsável pelo controle de diversos departamentos e que a polícia brasileira contava com uma “liberdade de ação muito maior do que qualquer policial americano ou europeu, tanto ao dar caça a criminosos como ao lhes aplicar castigos” e que ainda que esse sistema tenha pontos positivos policiais desonestos abusam dessa liberdade para torturar prisioneiros.<sup>55</sup>

Assim Erdstein aponta que utilizava suas habilidades para descobrir “organizações terroristas e de extrema direita que ameaçavam a estabilidade democrática do Paraná” e fala que talvez o governo militar não gostasse dele, mas que tinham que admitir que era “um tira persistente e honesto”.<sup>56</sup> Um dia Erich recebe um telefonema do Senador Steinbruch<sup>57</sup> dizendo que Simon Wiesenthal, célebre caçador de nazistas, precisava de ajuda para prender

---

<sup>51</sup>Ibdem, p. 77.

<sup>52</sup>Ibdem, p. 78

<sup>53</sup>Ibdem, p. 79

<sup>54</sup>Ibdem, p. 80.

<sup>55</sup>Ibdem, p. 81.

<sup>56</sup>Ibdem, p. 82.

<sup>57</sup> Aarão Steinbruch foi senador pelo Rio de Janeiro de 1963 a 1969 de acordo com o site <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1350>.

Franz Paul Stangl, ex-comandante do campo de concentração de Treblinka na Polônia. A investigação de Wiesenthal indicava que o nazista estava trabalhando na fábrica da Volkswagen em São Paulo e devido a revolta provocada no rapto de Adolph Eichmann não poderia mais usar a estratégia de sequestrar tendo assim que extraditá-lo legalmente<sup>58</sup>. Na mesma semana o narrador vai pra São Paulo e usando sua estratégia de sempre, se infiltra e faz amizade com os outros trabalhadores da fábrica, assim descobre que Stangl trabalhava de mecânico, mas sem um registro oficial na empresa. Ele usava seu nome de batismo e morava no Brooklin, um elegante bairro com um estilo de vida que não condizia com seu salário.<sup>59</sup>

O autor conta que com essas informações o DOPS consegue prender Stangl dia 28 de fevereiro de 1967, porém a luta para sua extradição dura quatro meses e somente em 22 de junho é enviado à Alemanha e condenado à prisão perpétua, pena que só cumpriu por um ano, pois faleceu em 1968.<sup>60</sup> Erich continua investigando os conhecidos de Stangl para ver se poderia encontrar mais algum nazista escondido no Brasil e encontra um espião comunista que enviava cartas a Alemanha Oriental com informações sobre firmas americanas no Brasil, suas exportações, número de empregados, balanço anual, etc. Esse homem foi preso e condenado a doze anos de prisão.<sup>61</sup>

Na página 88, o narrador conta que iria iniciar a última e mais importante investigação de sua carreira na América do Sul e que essa investigação foi iniciada como mera casualidade em 1967. Um estrangeiro havia chegado em Curitiba há quase um mês e trocava de hotel de três em três dias sem pagar a conta. Com essa denúncia Erdstein vai conversar com o homem, que se chamava Eugene Parries.<sup>62</sup> Ele conta que o estrangeiro morava no Brasil há tempos e confessou que estava “cansado de fugir”, mas não especifica de quem, só fala que em troca de sua liberdade iria contar “tudo o quanto desejasse saber... mais do que possa querer ouvir”.<sup>63</sup> No dia seguinte dessa promessa de confissão a Erich, o homem é encontrado morto em seu quarto de hotel.<sup>64</sup> A perícia apontava suicídio, mas Erdstein tinha certeza que havia sido assassinato.<sup>65</sup> A pessoa que foi identificar o corpo era Edgar Renner, dono de uma sapataria

---

<sup>58</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. p. 84, 85

<sup>59</sup>Ibdem, p 85

<sup>60</sup>Ibdem, p. 86 e 87.

<sup>61</sup>Ibdem, p. 86.

<sup>62</sup>Ibdem, p. 88.

<sup>63</sup>Ibdem, p. 93.

<sup>64</sup>Ibdem, p. 94.

<sup>65</sup>Ibdem, p. 95.

no Rio do Sul que havia ido no lugar do cunhado de Parries, chamado Gemballa, um homem rico dono de uma farmácia também em Rio do Sul. A esposa de Parries havia morrido há muito tempo e esse era o parente mais próximo dele, eles não se davam bem.<sup>66</sup> O narrador conta que tira uma licença para ir a Rio do Sul investigar a família de Parries, certo que estavam conectados com nazistas<sup>67</sup>. Ao chegar na cidade se encontra com o delegado Dr. Von Schee, que afirma que o Dr. Gemballa era líder do movimento nazista no Rio do Sul e que pelo menos 10% da população era nazista e atuante através da organização Aliança Cultural Alemanha-Brasil. O resto do povo da cidade tinha medo deles e por isso não faziam nada a respeito<sup>68</sup>. Erdstein vai ao encontro de Gemballa em seu escritório e o acusa de ter matado o cunhado. O homem protesta com veemência demonstrando nervosismo com a situação.<sup>69</sup> Como não tinha provas não podia levá-lo preso, mas muito desconfiado de sua culpabilidade manda um policial vigiá-lo<sup>70</sup>.

Depois desse encontro Erich saiu pela cidade conversando com as pessoas e aponta que “tirou, involuntariamente, a tampa do gêiser da hostilidade que, há anos, vinha sendo contido no subsolo”<sup>71</sup>. De acordo com o livro, todos na cidade pareciam à vontade de dar informações e contar boatos para o austríaco: o presidente do Rotary Club local afirmou que Gemballa tinha sido expulso da organização depois de uma malsucedida tentativa de transformá-la num grupo neonazista. A diretora da escola da cidade convida Erdstein para ir até a sua casa e conversar com seus amigos que afirmam que dois médicos da SS Dr. Oetzer e Dr. Schradt se encontram ilegalmente no país.<sup>72</sup> Ele também conversa com um ex-oficial da SS chamado Klaus Wemmer que desiludido com o nazismo conta que comparecera à algumas reuniões na sala secreta da sede da aliança e afirma que estava repleta de distintivos nazistas, suásticas, retratos de Hitler e outros líderes nazistas e que essa aliança ajudava criminosos de guerra. A organização fazia parte de uma rede espalhada por todo sul da América do Sul, cobravam uma taxa social destinada a ajudar esses criminosos a se sustentar e apontou que Josef Mengele estava sempre por Rio do Sul.<sup>73</sup> Wemmer conta também que os nazistas ficavam em uma propriedade fora da cidade, na zona rural chamada Dona Emma, cujo

---

<sup>66</sup>Ibdem, p. 99.

<sup>67</sup>Ibdem, p. 104.

<sup>68</sup>Ibdem, p. 108.

<sup>69</sup>Ibdem, p.110.

<sup>70</sup>Ibdem, p.111.

<sup>71</sup>Ibdem, p.112.

<sup>72</sup>Ibdem, p.112.

<sup>73</sup>Ibdem, p.113.

proprietário era o Dr. Alexander Lenard, um refugiado húngaro pintor e linguista.<sup>74</sup> Erdstein já ouvira falar dele e Wemmer conta que:

Lenard era um conhecedor de Bach, o homem que conquistara um prêmio num programa da televisão brasileira poucos anos antes. Era uma figura notável, um refugiado húngaro [...]. O homem era um pintor, um linguista que transpusera para o latim WinniethPooh. Naquele momento fazia-se passar por fazendeiro, mas comentava-se que tratava de doentes naquela região e receitava medicamentos. Significativamente tivera muitos visitantes misteriosos. (BEAN; ERDSTEIN, 1977, p.114).

Erich sai da casa de Hans Wemmer aturdido com as novas revelações e aponta que naquele momento Eugene Parries perdeu toda a importância, já que agora ele tinha um complô muito maior para investigar. Na mesma noite volta a falar com diversos informantes que mencionaram os mesmos nomes: Mengele, Meissner, Mueller, Lenard. Aponta que todo mundo era muito seguro do que afirmava, mas ninguém tinha visto de fato os criminosos.<sup>75</sup>

O gerente do banco da cidade chamado Helio Westphalen telefona para Erich e o promete acesso aos arquivos do banco, combinando de se encontrar no domingo pois o local estaria fechado para o público. O homem mostra para Erdstein que Gemballa tinha duas contas no banco, uma pessoal e uma para a Aliança da Alemanha-Brasil que era substancial, contando com duzentos mil cruzeiros e olhando as transações consegue ter uma ideia clara da rede nazista local.<sup>76</sup> Depois de saírem do banco, Westphalen diz que tinha uma pessoa que queria conversar com Erich e os dois vão até uma cabana ao lado de uma igreja:

Havia umas quinze pessoas sentadas em banquinhos e cadeiras arrumadas em círculos sobre o chão sujo. Na parte da frente, havia um pequeno altar com uma cadeira que fazia lembrar um trono. Nesse lugar de honra encontrava-se um bonito negro, com feições finas, quase delicadas, e olhos castanho-claros, vestido com camisa esporte, calça e sandálias [...] Westphalen inclinou-se para o meu lado, sorrindo ao perguntar: - Acredita em macumba, Dr. Erdstein?" (BEAN; ERDSTEIN, 1977 p.116)

Em seguida Erdstein descreve que Poquo, o homem sentado no que o autor chamou de trono, chama seus "médiuns" para responder às perguntas das pessoas que estavam ali. Quando chega sua vez o narrador pergunta se há criminosos de guerra nazistas escondidos nessa região e a resposta foi:

Sim, esses homens estão aqui... nas redondezas... Sinto a presença deles. – Fui forçado a conter um muxoxo. Um médium que até ali vinha falando um português normal possuía agora um forte sotaque alemão. Pronunciava as palavras como se estivesse sonhando. – Eles vem... e vão. Vejo um homem chamado Josef Mengele, um médico alemão, parece-me, e um homem chamado Alexander... Também um

---

<sup>74</sup>Ibidem, p.114.

<sup>75</sup>Ibidem, p.115.

<sup>76</sup>Ibidem, p.115, 116.

doutor... Vejo-os num hospital, numa sala de operações. Viajam durante a noite, às escondidas, rumo a uma casa na floresta. Vejo um carro amarelo; vejo uma mulher, uma governanta, Pressinto o mal, o perigo. (BEAN; ERDSTEIN, 1977, p.117)

Depois disso Erich sai desse lugar e pergunta para Westphalen se Poquo era um homem de confiança, que responde que achava que sim, que era um homem sem cultura, temeroso de homens ricos como Lenard e Gemballa, mas era honesto e profundamente respeitado pelos poderes sobrenaturais acrescentando que “Quando a gente mora no Brasil, começa a refletir sobre essa macumba. Tenho visto coisas impressionantes. Sabe-se lá.”.<sup>77</sup>

Muito curioso com toda essa situação, Erdstein vai até a propriedade de Alexander Lenard em Dona Emma, que fica a cerca de quarenta minutos de Rio do Sul. Ao chegar ao local, o investigador se passando por um jornalista bate na porta dos vizinhos para perguntar a respeito do Dr. Lenard. O policial sente um ar de hostilidade para com o médico por parte dos vizinhos que afirmam que o doutor “se julga um senhor feudal, não se rebaixa a falar conosco”. Erich para em uma pequena venda onde a dona fala sobre a governanta da casa, Natalie Klein, que vivia se gabando das pessoas importantes que o patrão recebia e que fora para Alemanha durante a guerra trabalhar para os nazistas nos campos de concentração, segundo ela, Klein era abertamente nazista.<sup>78</sup>

Assim Erich se dirige a casa e é recebido por “uma mulher feia, com cabelos castanhos finos e compridos, olhos cinzentos sem brilho”<sup>79</sup>, e falando alemão se apresenta como Dr. Friedrich Martin, um velho amigo do Dr. Lenard. Insinuando ter sido membro da SS<sup>80</sup> Erich fala para a mulher que viera para América do Sul via Espanha e conforme ele fala nota que o rosto da governanta ia se “iluminando”. Com muito pesar ela afirma que o doutor não estava em casa, mas começa a falar do grande trabalho do patrão durante a guerra “trabalhando com Herman Goering em Werke, em Belsen e Auschwitz” e diz para voltar na próxima semana.<sup>81</sup> Erich não podia ficar pois seu prazo de licença para essa investigação se esgotava no dia seguinte.

---

<sup>77</sup> Toda essa passagem tem um ar desconfortável de desrespeito por falta de informação. Erich Erdstein em nenhum momento fala de qual religião se tratava, o que é a macumba que ele se refere e coloca tudo no patamar de sobrenatural e coisa de brasileiro.

<sup>78</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P. 119

<sup>79</sup> Essa descrição de Natalie Klein é interessante em comparação com a descrição de Poquo feita um pouco antes. Ela que é sua “inimiga” é descrita de uma forma desagradável enquanto Poquo, que confirma com o que Erdstein chama de sobrenatural a existência de nazistas ali, é descrito como um homem bonito e atraente.

<sup>80</sup> Abreviação de Schutzstaffel, organização paramilitar ligada ao partido nazista alemão.

<sup>81</sup>Ibidem, p. 119, 120.

Com o fim de sua licença, o detetive se encontra com o delegado e promotor de Rio do Sul e aponta que não tinha provas suficientes para deter Dr. Gemballa pelo assassinato de Parries, mas recomenda que fiquem de olho no farmacêutico. Na volta para Curitiba fica pensando sobre tudo o que vivenciou e afirma que: “Meus instintos de policial fizeram-me querer seguir as pistas até o fim, e, tinha que admitir, eu possuía uma razão pessoal para fazê-lo”.<sup>82</sup>

De volta à Curitiba, Erich passa a comparar a lista de nomes obtidos em Rio do Sul com os arquivos policiais da polícia federal e da Interpol, com o foco principalmente em Mengele que teria um mandado de prisão emitido pelo Tribunal de Düsseldorf na Alemanha.<sup>83</sup> Depois de sua pesquisa volta à Santa Catarina com um repórter do jornal Tribuna do Estado, Francisco Camargo<sup>84</sup>. Dessa vez ele vai à uma cidade vizinha procurando o Dr. Oetzer que segundo boatos ouvidos na cidade de Rio do Sul havia assassinado uma cantora de folclore por tê-lo chamado de nazista<sup>85</sup>. Nessa visita o doutor oferece a Erich um suborno para deixá-lo em paz que não aceita e afirma que só queria ter certeza que era o homem certo. Ele conta que não o prende em flagrante pois não tinha jurisdição ali, mas afirma que vai passar as informações que tinha para as autoridades locais. O delegado da cidade<sup>86</sup>, chamado Schultz “dá de ombros”, pois acha que Dr. Oetzer é um bom médico e a cidade precisava de um.<sup>87</sup>

Logo depois desse episódio frustrante chegam aos ouvidos do austríaco comentários que estava havendo muito movimento na casa do Dr. Lenard, parecia que estavam esperando visitas, o que faz com que Erich prontamente organize uma batida policial para pegar a reunião dos nazistas em flagrante.<sup>88</sup> Os convidados chegam na cidade em um sinca amarelo, Erdsstein, o jornalista e mais 10 policiais se dirigem à Dona Emma e por ser de noite são impedidos entrar na casa legalmente, pois segundo o narrador existia uma lei que após o pôr do sol a casa de qualquer pessoa é inviolável e portanto passam a noite em frente à casa de vigia.<sup>89</sup> Os homens invadem a casa no romper dos primeiros raios de sol, porém estava vazia, só tinha Natalie Klein com “um sorriso de escárnio nos lábios” exclamando “chegaram

---

<sup>82</sup>Ibdem, p. 121.

<sup>83</sup>Ibdem, p. 122.

<sup>84</sup>Ibdem, p. 124.

<sup>85</sup>Ibdem, p. 112

<sup>86</sup>O nome da cidade não é citado, apenas que se localizava uma hora a oeste de Rio do Sul.

<sup>87</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. p. 125

<sup>88</sup>Ibdem, p. 126

<sup>89</sup>Ibdem, p. 127

atrasados”. Mesmo com as principais vias bloqueadas, os visitantes misteriosos conseguem fugir durante a noite sem os policiais perceberem, pela parte de trás da casa que dava em uma floresta.<sup>90</sup>

Dentro da propriedade, próximo a casa principal no sentido da floresta Erich avista uma casa totalmente às escuras e com uma pancada dada com o salto do sapato entra com o revólver em posição de atirar, mas era apenas a casa do caseiro de sobrenome Koenig que morava ali com sua esposa e três filhos pequenos.<sup>91</sup> Ele volta à casa grande e ao vasculhar não encontra nada de importante no primeiro andar, mas no andar de baixo diz que encontra diversas lembranças nazistas inclusive um retrato da máscara mortuária de Hitler esculpida em 1946, um ano depois de seu suicídio. Também encontrou sob a escrivaninha uma porção de fotos, a maior parte identificadas na parte posterior. Uma dessas fotos tinha o Dr. Lenard com uma jovem chamada Karen Fiedler, Natalie Klein e Josef Mengele e uma outra com Dr. Lenard, Dr. Mengele e mais um homem desconhecido.<sup>92</sup>

Um postal endereçado a Natalie Klein assinado por Dr. Alexander Lenard chamou a atenção de Erich, contendo a frase “Da viagem que nos dará plantas e sementes, saudações profundas”. O resto do porão parecia ter sido transformado em uma sala de operações onde encontrou arquivos médicos, seringas, um jogo completo de material cirúrgico, remédios e um quilo de cocaína. O narrador bota as fotos e o postal no bolso e sobe as escadas para falar com a governanta<sup>93</sup>. Erdstein questiona a governanta a respeito de seu trabalho na Alemanha e diz que provavelmente estaria sendo procurada por isso. Natalie Klein afirma que: “Nunca fiz nada de errado. Jamais maltratei qualquer judeu. De qualquer maneira, iriam mesmo morrer. Limitei-me a fazer o que me ordenavam”. Ao ser questionada a respeito de Mengele, ela o defende dizendo que: “era um grande homem, um médico que muito servira a causa da ciência”.

Sem ter conseguido prender os suspeitos, a viagem de volta para o Rio do Sul foi em silêncio. Na página 134 Erdstein diz que o jornal “A Tribuna do Estado”, cujo repórter o acompanhava na batida publicou uma reportagem a respeito do episódio e sobre a dominação nazista em Santa Catarina. Ele conta também que um diário conservador (que não tem seu

---

<sup>90</sup>Ibdem, p. 129

<sup>91</sup>Ibdem, p. 129

<sup>92</sup>Ibdem, p. 130.

<sup>93</sup>Ibdem, p. 131.

nome divulgado)<sup>94</sup> protestou contra a interferência da polícia do Paraná nos direitos civis de cidadãos alemães, decentes e honestos, isso fez Erich acreditar que aquilo era só a “ponta do iceberg”.<sup>95</sup>

Ao voltar para Curitiba o autor afirma que relatou tudo à Paulo Pimentel<sup>96</sup> que em resposta comentou sobre a repercussão da batida policial nos jornais e o encorajou a prosseguir no caso. Erdstein conta que recebeu ligações do Brasil inteiro com histórias semelhantes sobre organizações nazistas e sobre criminosos em fuga: “As embaixadas americana e alemã no Rio e em Brasília tinham enviado requerimentos oficiais no sentido de ter informações, bem como a polícia federal e a polícia estadual de São Paulo [...] todos pareciam estar, inesperadamente, interessados no que eu sabia.”<sup>97</sup> Logo depois Erich recebe a notícia que um de seus informantes do Rio de Janeiro, WilhemLangen é encontrado morto na baía de Guanabara.<sup>98</sup>

A repercussão de sua investigação chega aos ouvidos de um homem chamado Dr. Uwe Koestner, adido cultural no Rio de Janeiro, que convida Erich para trocar informações. Nessa reunião ele confirma suas suspeitas de que havia uma organização central nazista operando por toda América do Sul. Koestner dá um nome para o investigador: Franz Rybka, o falsificador chefe dos nazistas brasileiros. O detetive segue pistas atrás de Rybka até o Rio Grande do Sul onde consegue prendê-lo em Porto Alegre, se passando por um austríaco imigrante que precisava de documentação.<sup>99</sup> Essa sua prisão bem sucedida não durou muito, pois o criminoso conseguiu fugir da cadeia falsificando um habeas-corpus dentro da cela.<sup>100</sup>

Eirch relata que quando recebeu essa notícia estava auxiliando uma investigação sobre uma morte suspeita de um político e oficial reformado do exército chamado Humberto Molinaro.<sup>101</sup> De acordo com ele, em 1956 o Coronel havia sido comandante da Força

---

<sup>94</sup> É possível que o diário conservador que Erdstein comenta aqui seja o Diário do Paraná, cuja reportagem será discutida no próximo item do trabalho.

<sup>95</sup>Ibdem, p. 134.

<sup>96</sup> Governador do Paraná de 1966 a 1971.

<sup>97</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P.134.

<sup>98</sup>Ibdem, p. 139.

<sup>99</sup>Ibdem, p. 141.

<sup>100</sup>Ibdem, p. 143.

<sup>101</sup> De acordo com o relatório do projeto Brasil Nunca Mais que sistematizou e sintetizou informações contidas em processos do Superior Tribunal Militar durante os anos de 1961 a 1979, Humberto Molinaro foi acusado em 15 de abril de 1964 de incitar insubordinação contra ordens recebidas do comandante de sua companhia e foi preso por não aderir ao movimento de derrubada à João Goulart. Em 1967 havia sido absolvido pela auditoria de Curitiba que reconheceu não haver crime contra o Código Penal Militar. Informações disponíveis em:

Expedicionária Brasileira e tinha sido preso uma vez por ter presumivelmente contrabandeado uma valise cheia de drogas do Egito para o Brasil.<sup>102</sup> O Coronel alegava que fora acusado falsamente por um sargento do exército que “tinha sido pago pelos líderes militares que se opunham à política democrática do coronel”. No começo da década de 60 foi eleito para o Congresso por Ponta Grossa. O narrador conta que:

Molinaro encontrava-se no Congresso quando recebeu uma informação de que o governador direitista do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, estava por trás de uma conspiração para enquadrá-lo. Tirou uma pistola do paletó e ameaçou a assassinar Lacerda. Diversos congressistas conseguiram tirar-lhe a arma, porém a revolta do povo pelo incidente obrigou-o a renunciar o posto e retirar-se para Ponta Grossa. Uma vez ali, começou a escrever suas memórias, tentando mais uma vez limpar seu nome. (BEAN; ERDSTEIN, 1977, p.144)

A investigação desse caso levou Erich a Ponta Grossa que constatou que havia acontecido uma invasão na casa do Coronel onde o mesmo é morto, sua esposa ferida e somente seus manuscritos com suas memórias são roubados. O autor recebe três ligações com ameaças para ele largar a investigação e as ignora. Assim relata que descobre uma organização de extrema direita em Ponta Grossa que se reunia em uma velha casa abandonada e corriam boatos que estavam estocando armas para derrubar o governo Pimentel. Quando Erdstein está indo até a casa sofre um atentado, o carro disponibilizado pela delegacia tinha uma bomba que explodiu matando o amigo que o acompanhava, Stanislav Pasternak. Erdstein fica com parte do rosto queimada e deformada e se afasta do cargo por pelo menos um mês e meio. O delegado que o ajudou no caso é transferido inesperadamente para o II Exército em São Paulo.<sup>103</sup>

Depois de se recuperar, de volta à Curitiba recebe uma ligação de um major chamado Von Westernhagen do *Budeswehr*<sup>104</sup> alemão do Rio de Janeiro que concorda em se encontrar com Erdstein em Curitiba. Poucos minutos depois de falar com Erich o homem é assassinado com cinquenta tiros de metralhadora em uma emboscada<sup>105</sup> no meio da cidade.<sup>106</sup> O narrador

---

[http://bnmdigital.mpf.mp.br/docreader/DocReader.aspx?bib=rel\\_brasil&pagfis=1640](http://bnmdigital.mpf.mp.br/docreader/DocReader.aspx?bib=rel_brasil&pagfis=1640). Acesso em 15 de abr. de 2021

<sup>102</sup> Não foram encontradas informações sobre essa acusação.

<sup>103</sup> ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P.146, 147.

<sup>104</sup> Forças armadas da Alemanha.

<sup>105</sup> Esse assassinato repercutiu muito nos jornais da época e muitas suposições foram feitas a respeito da motivação desse crime. O major Eduard Ernst Thilo Otto Maximilian von Westernhagen havia lutado na Segunda Guerra Mundial no Fronte Oriental ao lado do exército nazista e se encontrava no Rio de Janeiro fazendo um curso na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em 1968. A investigação e os jornais focaram em seu passado nazista para descobrir o que aconteceu, mas não conseguiram nada. Apenas com o livro “O Combate das Trevas” de Jacob Gorender em 1987 foi revelado que Westernhagen fora confundido com o colombiano Gary Prado que também fazia um curso na mesma escola, por um grupo que buscava retaliação pela

aponta que se sente como se estivesse caminhando num campo minado, com explosivos detonando a sua volta e se pergunta por quanto tempo seria ainda capaz de contorná-los<sup>107</sup>.

O prefeito de Marechal Rondon, Werner Wanderer<sup>108</sup>, o procura pessoalmente para denunciar que sua cidade, estava tomada por nazistas que intimidavam os brasileiros e por indicação de Paulo Pimentel resolve pedir ajuda à Erich.<sup>109</sup> Ao chegar na cidade o narrador constata que ali os nazistas “viviam num mundo de sonhos, sempre seguros de que o Quarto Reich estava prestes a ser estabelecido”<sup>110</sup>. Da mesma forma que atuou em Rio do Sul, Erich encontra os nomes dos nazistas entrevistando pessoas da cidade, os chefes da organização eram: um médico chamado Dr. Seyboth, sua esposa Ingrun, professora do ginásio da cidade, Herbert von Gaza dono da loja de material fotográfico e Franz Wenzler<sup>111</sup>.

Erdstein consegue muitas informações sobre Seyboth que fez parte da SS pela *Luftwaffe*<sup>112</sup>, foge para o Paraguai depois da guerra e chega ali com uma grande quantidade de dinheiro. Constrói um hospital, um sítio com milhares de cabeças de gado, porém naquele momento se encontrava falido. Descobre que os nazistas fugitivos se encontravam e se escondiam na fazenda de um homem chamado Friedrich Isenberg, um ermitão que “não plantava nem tinha qualquer outra ocupação”, boatos corriam que até Martin Bormann tinha se hospedado por lá, o que é uma surpresa para Erich, pois Bormann havia se suicidado em 1945 para evitar ser capturado pelos soviéticos.<sup>113</sup>

Erdstein volta a Curitiba com as informações obtidas e passa a se dedicar a confrontar a lista de nomes com toda e qualquer ficha disponível na polícia estadual, federal e fontes da Interpol, porém a maioria dos nazistas estavam limpos, sem ficha criminal no Brasil ou no exterior e por mais que tivessem entrado ilegalmente no país estavam ali há mais de 10 anos então não poderiam ser deportados. O narrador resolve voltar à cidade com um repórter

---

captura de Che Guevara no ano anterior, cuja Prado havia participado. Informações disponíveis em: <https://blog.jovempan.com.br/paulacarvalho/morning-show/major-alemao-e-homenageado-pelo-exercito-e-causa-polemica/> e <file:///C:/Users/Home/Downloads/6353-Texto%20do%20artigo-12509-1-10-20200924.pdf>; Acesso em: 20 de abr. de 2021.

<sup>106</sup>Ibidem, p. 148.

<sup>107</sup>Ibidem, p. 149.

<sup>108</sup> Werner Wanderer foi prefeito de Marechal Cândido Rondon de 1965 até 1970. Depois foi deputado estadual do Paraná de 1975 até 1991, e deputado federal de 1991 até 2003. De 2003 até hoje se diz agricultor e empresário.

<sup>109</sup>Ibidem, p. 150.

<sup>110</sup>Ibidem, p. 155.

<sup>111</sup>Ibidem, p. 152, 153.

<sup>112</sup> Força aérea alemã.

<sup>113</sup>Ibidem, p. 154.

chamado Moisés Rabinowitz do diário paulista *Jornal da Tarde* que tomou conhecimento da investigação através da batida de Dona Emma.<sup>114</sup> Ao interrogar Seyboth e sua esposa e os acusar de serem nazistas, os mesmos ficam confusos e aborrecidos de Erdstein, um austríaco, não estar do lado deles dizendo que como pessoas superiores tinham o direito de governar ali. Erich não consegue descobrir nada com os dois, mas os coloca em novo regime federal que, segundo ele, é quando uma pessoa podia ser presa a qualquer momento e ficava proibida de abandonar a cidade ou o país.<sup>115</sup>

O narrador vai de carro até a propriedade de Isenberg e ao tentar entrar na fazenda é recebido com tiros o que o faz dar marcha ré para voltar à cidade.<sup>116</sup> Seguindo sua lista de nomes vai até a casa de Wenzler, que recebe suas acusações com a mesma surpresa de Seyboth, alegando que como austríaco Erich deveria estar do lado deles.<sup>117</sup> Sem conseguir muito, o narrador sai da casa com o repórter e vê que os pneus de seu carro haviam sido furados. Caminhando de volta ao hotel são encurralados por cinco ciclistas que os ameaçam: “Não vão conseguir sair daqui. Sabemos lidar com comunistas.” Erdstein saca sua arma para afastar os homens que continuam se aproximando, o que faz com que ele atire no chão para afastá-los. Os homens vão embora dessa vez e por mais que seu companheiro repórter estivesse apavorado Erich continua sua investigação no dia seguinte.<sup>118</sup>

Havia uma tensão ameaçadora pela cidade e boatos corriam que iriam assassinar Erich naquela noite, assim o investigador conclui que “acabar com o arrocho que aquela gente mantém sobre Marechal Rondon não ia ser nada fácil” e resolve voltar para Curitiba para conseguir os mandatos de prisão.<sup>119</sup> Em Curitiba consegue seguir as pegadas de um homem chamado Fritz von Ammon que ao ser encontrado com dois passaportes árabes falsificados faz um acordo com Erdstein de sua liberdade em troca de informações. Von Ammon relata ligações entre líderes nazistas da cidade, dá novos nomes de membros nazistas e conta que Marechal Rondon estava em uma região ideal para ser quartel-general devido sua proximidade à fronteira e seu isolamento. O narrador percebe que os nazistas estavam muito bem organizados na América do Sul e que:

Já contavam com a simpatia de um legislador no Paraguai, e queriam ver toda a América do Sul dominada por governos de extrema direita. Nutriam grandes

---

<sup>114</sup>Ibdem, p. 155, 156.

<sup>115</sup>Ibdem, p. 156.

<sup>116</sup>Ibdem, p. 157.

<sup>117</sup>Ibdem, p. 158.

<sup>118</sup>Ibdem, p. 159, 160.

<sup>119</sup>Ibdem, p. 161, 162.

esperanças de poder manipular ditadores daquele país. O mesmo sucedia com relação ao Chile, Peru e Venezuela: “Estamos ficando cada vez mais fortes – esbravejou Von Ammon – Também controlaremos todo o resto do mundo” (BEAN; ERDSTEIN, 1977, p.163)

Duas semanas depois de volta a Marechal Rondon com os mandados de prisão e uma ordem para fechar a fazenda de Isenberg por improdutividade<sup>120</sup>, contam a ele que todos os nazistas tinham fugido, o que deixou o narrador aborrecido mas não no íntimo, as acusações de residir ilegalmente no país não eram fortes o suficiente para mantê-los presos e agora poderia persegui-los. Sem mais o que fazer na cidade, o investigador volta a Curitiba mas com a região limítrofe em mente: sabia que iria encontrar nazistas onde Brasil, Argentina e Paraguai se tocavam e seu objetivo principal se torna encontrar Josef Mengele, pois havia muitas evidências de que ele estaria nessa região.<sup>121</sup>

Muito satisfeito com o andamento da investigação Paulo Pimentel dá a Erich uma licença de afastamento indefinido de seus deveres regulares para ser chefe de investigação da região da fronteira de Foz do Iguaçu, pois ali tinha um aeroporto moderno, comunicação em microondas com Curitiba e por ser uma região estratégica devido à proximidade com Paraguai e Argentina. Na cidade, o policial tenta juntar as peças do quebra-cabeça de sua investigação e estabelecer uma nova rede de informantes.<sup>122</sup> Frequentando o hotel-cassino em Puerto Presidente Stroessner, uma minúscula cidade paraguaia próxima a Ponte da Amizade, Erich “trava relacionamento” com alguns oficiais paraguaios adversários do ditador Presidente Alfredo Stroessner<sup>123</sup> que apontam que muitos criminosos de guerra nazistas que tinham se refugiado na Argentina fugiram para o Paraguai depois da queda de Perón. Um dos oficiais, Major Acosta, afirma que conhecia Josef Mengele e que os nazistas usavam o barco de seu irmão Alois para cruzar o rio. O homem também conta que o médico nazista era amigo íntimo do presidente Stroessner.<sup>124</sup>

O narrador conta que “para cada grão de verdade, tinha que vasculhar através de centenas de rumores e informações falsas”, mas aponta que juntando as informações compreendia a metodologia de operar dos nazistas:

---

<sup>120</sup> Erich acha uma brecha na lei que dava ao governo poderes para fechar uma fazenda que não explorasse a terra de modo produtivo (ERDSTEIN et al., 1977, p.163)

<sup>121</sup> ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P.163, 164.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p.165, 166.

<sup>123</sup> Ditador paraguaio que ficou no poder de 1954 até 1989.

<sup>124</sup> ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P. 166, 167.

Sem apoio para um movimento de massas, mantinham seus ideais e organização vivos em pequenos grupos de elite espalhados por toda a América do Sul. [...] Agiam como o cuco, contou-me Acosta, pondo ovos num lugar, para em seguida voar para um ponto mais afastado, gerando confusão, na esperança de enganar inimigos. (BEAN; ERDSTEIN, 1977, p.167)

Em uma manhã de junho de 1968 um comerciante local e um contador, judeus sobreviventes dos campos de concentração, entram correndo na sala de Erdstein dizendo que Martin Bormann estava no café da rodoviária e que tinham o reconhecido de fotografias. Eles vão até a rodoviária e vêem um homem sentado em uma mesa e mais quatro na mesa de trás. Sem acreditar muito que seja Bormann Erich pede para o garçom pegar o copo e a garrafa de cerveja discretamente prometendo aos dois homens que iria mandar para análise de digitais e que, naquele momento, era o máximo que poderia fazer.<sup>125</sup> Ao voltar à sua sala para continuar seus afazeres, se depara com um relatório deixado na sua mesa da patrulha da fronteira que dizia que alemães tentaram cruzar a fronteira sem passaportes.

Ele volta correndo para a rodoviária, podia não ser Bormann mas talvez era outro líder nazista em viagem pelo Brasil e, segundo o bilheteiro, os homens tinham partido há vinte minutos em direção a Guaíra. Erich resolve interceptá-los nessa cidade, mas ao chegar lá o motorista aponta que desembarcaram em Marechal Rondon. O narrador vai até Marechal Rondon e pistas apontam que os alemães tinham ido até ao sítio de Isenberg, porém ao chegar lá vê a casa principal abandonada. Erdstein vai até o café do hotel e conversa com dois caixeiros viajantes que estavam no ônibus, os homens dizem que o “chefe” tinha se sentado junto de um velho com roupas esfarrapadas e conversando com um alemão puro da região do Reno parecia que já se conheciam. Erdstein pede que o delegado da cidade fique em alerta e combina com o prefeito Werner Wanderer de pegar emprestado seu avião particular e o piloto para que pudesse procurar os homens no dia seguinte.<sup>126</sup>

Depois de sobrevoar toda a região na manhã seguinte resolvem ir sentido às florestas paraguaias e quando já estavam quase desistindo e voltando até Marechal Rondon Erich avista uma clareira no meio do mato com um grupo de edificações rodeadas por uma cerca. Ao chegar mais próximo enxergam homens fardados que “corriam muito rijos, como se fossem velhos” acompanhados por dois cachorros pastores alemães. Inesperadamente se ouve uma rajada de metralhadora e o piloto faz uma subida rápida com o avião. Depois desse episódio

---

<sup>125</sup>Ibdem, p. 168, 169.

<sup>126</sup>Ibdem, p. 170, 171.

ele tenta encontrar novamente o local e sem sorte passa mais de três semanas vasculhando aquela zona rural de jipe, tentando obter mais informações e localizar o senhor do ônibus.<sup>127</sup>

No caminho de Foz do Iguaçu o narrador para em uma pequena mercearia para tomar um refrigerante e quase por hábito pergunta à dona do local se conhecia alguém que combinasse com a descrição do senhor do ônibus. Para a surpresa de Erich, a moça informa que parecia ser seu pai e o leva até ele. Erich ameaça o senhor que se chamava Carl Kraft de prisão por transportar ilegalmente pessoas de um lado para o outro do rio, o senhor implora para Erdstein o deixar ir e o autor troca sua liberdade por informações. O senhor Kraft confessa que fazia a ponte para alemães visitarem amigos no Brasil e quando alguém desejava atravessar mandava-lhe um recado geralmente através de colonos da fazenda de Isenberg inclusive admitindo com um certo orgulho que tinha transportado Martin Bormann. Erich faz um trato com ele que a próxima vez que o chamassem era para avisar o piloto de Wanderer. Uma semana depois, chega um relatório de Curitiba a respeito das digitais coletadas na rodoviária que confirmam que o homem do café era de fato Martin Bormann.<sup>128</sup>

No capítulo seguinte Erich conta que recebe a visita do Coronel Gralha que muito receoso de abalar sua amizade com Erdstein aponta que a situação estava intolerável e que ele deveria se envolver em crimes comuns ou talvez perseguir subversivos, perseguir nazistas só iria causar complicações. O narrador percebe que seu amigo estava ali seguindo ordens e diz que compreende a situação. Refletindo sobre o encontro ele escreve:

Sabia que, se o governo militar insistisse, eu poderia ser mandado de volta a Curitiba e receber ordens para encerrar o caso para sempre. A caçada a comunistas era incentivada, a de nazistas, não. Eu me perguntava o que faria o governo caso lhe entregasse um criminoso de guerra nazista. Será que o extraditariam, como sucedera a Stangl? (BEAN; ERDSTEIN, 1977, p.176, 177).

Depois dessa conversa ele passa a andar mais rápido com as investigações e a oportunidade para isso aparece dois dias mais tarde. Hector von Schee do Rio do Sul liga avisando que Mengele fora visto saindo de Dona Emma dois dias antes e a notícia de que Mengele está no Brasil anima Erich, que passa a pressionar seus informantes. Recebe a informação de que Mengele estava em Cascavel hospedado em um sítio de um atacadista de couro e lã, mas quando a polícia chega lá o doutor já havia escapado e assim Erdstein percebe que as movimentações da polícia também eram informadas a Mengele.<sup>129</sup>

---

<sup>127</sup>Ibidem, p. 172.

<sup>128</sup>Ibidem, p. 173, 174.

<sup>129</sup>Ibidem, p. 177.

No dia 24 de junho de 1968 Erich vai até Marechal Rondon para conversar pessoalmente com seus informantes, um colega da polícia federal de Foz do Iguaçu liga informando que Mengele estava em uma pequena “aldeia” chamada São João de Alcaide no Paraná e que viajava com um passaporte paraguaio com o nome Cyrilo Chávez Flores, de acordo com sua fonte o médico estava trabalhando como empreiteiro na construção de um matadouro. Erich volta para Foz, junta reforços com seu colega e vão até São João de Alcaide.<sup>130</sup>

Em São João de Alcaide, Erich Erdstein consegue finalmente prender Josef Mengele. O “Anjo da Morte” foi pego no canteiro de obras do matadouro e batia com a descrição do relatório da Interpol, mas logo afirmou que era inútil o prender, pois não existia nada contra ele no Brasil e que seria solto em seguida. A segurança na voz dele era revoltante e enfrentando uma viagem de 35 horas Erdstein o leva pessoalmente até Curitiba, junto com mais dois agentes federais. Durante a viagem Mengele e Erich conversam e o narrador o acusa de ter matado centenas de milhares de pessoas tendo como resposta: “Jamais matei alguém – disse com muita paciência como se estivesse falando com uma criança – As pessoas que morreram, ora, era esse seu destino. Não tenho nada a ver com isso. Meu trabalho era estritamente científico”. A conversa continua e Erich percebe que o homem não tinha nenhum remorso, somente orgulho de seus feitos, sua revolta se transforma em tristeza e a excitação de prendê-lo some.<sup>131</sup>

Ao chegarem em Curitiba de madrugada vão direto para o quartel da polícia federal. Erich queria partir logo, antes que os repórteres soubessem da história, pois tinha ficado desconfortável de como os jornais relataram o caso de Dona Emma e Marechal Rondon. Admite que se tivesse parado e refletido naquele momento veria que “a publicidade era a única arma de que dispunha para lutar contra a relutância do governo federal em lidar com Mengele”. Ele volta a Foz do Iguaçu e dorme pela primeira vez em três dias em sua cama de hotel.<sup>132</sup>

No dia seguinte Erich recebe uma ligação de um amigo que servia na sede da polícia federal em Curitiba e é informado que Mengele havia sido solto a mando do General Lima Gomes, chefe da polícia federal.<sup>133</sup> Primeiramente o narrador fica chocado com a situação,

---

<sup>130</sup>Ibidem, p. 178

<sup>131</sup>Ibidem, p. 180, 181.

<sup>132</sup>Ibidem, p. 182

<sup>133</sup> O diretor geral da polícia federal naquele momento era o General José Bretas Cupertino.

mas depois o choque vira revolta e passa a elaborar um plano para prendê-lo novamente. Sabia que Mengele voltaria ao Paraguai e que talvez não usaria o passaporte de Flores, deveria estar cheio de si pela vitória e não seria tão cauteloso. Ele decide que deveria capturá-lo durante a travessia entre Brasil e Paraguai e levá-lo para a Argentina, pois ao procurar seu conhecido, Sr. Rainer cônsul argentino em Foz do Iguacu, recebe a informação de que a Argentina possuía um mandado de prisão e um pedido de extradição para Mengele da Alemanha Ocidental<sup>134</sup>.

Erdstein bota todos os seus informantes em vigilância, de Marechal Rondon até o barqueiro Carl Kraft em Porto Mendes e passa a organizar também sua fuga do Brasil, pois sabia que depois desse plano o governo brasileiro ficaria furioso e os milhares de criminosos de guerra que se refugiaram na América do Sul iriam “querer sua cabeça”, sua vida estava em risco. Ele entra em contato com Ian Capps, um jornalista britânico da Reuters, e com o serviço secreto britânico, o qual tinha boas relações desde o tempo da guerra.

O plano era interceptar Mengele durante sua travessia no barco de Kraft, e mantê-lo durante dois dias na cabana de um amigo que estava próxima do rio. Durante a noite um agente secreto argentino escolhido por Rainer chamado “El Gordo” o transporta à uma barcaça ancorada. Esperaria as autoridades argentinas estarem prontas para entrar em ação e assim levaria o prisioneiro até Puerto Iguazu, em território argentino. Na terceira semana após a soltura de Mengele um de seus informantes de Marechal Rondon informa a movimentação do mesmo e dois dias mais tarde, dia 28 de julho o agente que vigiava Carl Kraft aponta que o barqueiro havia recebido um mensageiro para marcar a travessia, com isso Erich sabia que no dia seguinte provavelmente isso iria acontecer.<sup>135</sup>

Tudo estava pronto para ser executado, a cabana estava reservada, a barcaça estava alugada e ancorada em uma ilha localizada embaixo da Ponte da Amizade, dois sargentos da polícia de confiança de Erich estavam aguardando Carl Kraft junto com ele. Um pouco antes de amanhecer Erich ouve três homens se aproximando e ergue sua arma contra eles: era Mengele, um homem que aparentava ser um segurança e Kraft que logo fugiu ao o ver. Mengele fica surpreso de vê-lo e Erdstein o dá duas opções: cruzar o rio e ser capturado por israelenses que provavelmente iriam matá-lo (um blefe) ou ir para a Argentina com Erich para ser extraditado, o médico prefere tentar a sorte com os argentinos. Ao perguntar quem era o

---

<sup>134</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P. 183, 184, 185.

<sup>135</sup>Ibidem, p. 186

outro homem, Mengele conta que aquele era Heinrich Mueller, chefe da Gestapo. O detetive reconhece que era estranho o nazista entregar seu companheiro fácil assim, mas imaginou que estivesse sendo enganado e que o outro homem não passasse de um guarda-costas.<sup>136</sup>

A espera de ordens argentinas se estende por semanas, as contas de manter o aluguel da barça, sua estadia em Foz do Iguaçu, os prisioneiros vão aumentando e Erich começa a vender seus bens para conseguir manter o plano. Seu superior Wilfred Pilloto liga para ordenar que Erdstein volte a Curitiba e esse pede uma licença não-remunerada alegando assuntos pessoais, o chefe da polícia civil parece compreender os planos de Erich e permite, pedindo a ele cuidado. O narrador conta que percebe que seu segredo foi descoberto pois recebe uma visita do Capitão Almeida que aponta que aprovava suas ações, mas que oficialmente não sabia de nada. Nas comemorações do dia 7 de setembro seu velho amigo Coronel Galha o olha com um ar desaprovador. No dia 14 de setembro o chefe de polícia paraguaia avisa à Erich que nazistas estavam a caminho de matá-lo: três homens e uma mulher dirigindo um simca.<sup>137</sup>

Ranier finalmente aparece na noite do mesmo dia informando que o governo paraguaio também planeja matar Erich e que naquela madrugada o plano deveria ser executado.<sup>138</sup> Um barco argentino iria ao seu encontro fora das águas de Puerto Iguazú. Erich informa “El Gordo” e juntos vão até onde se encontra a barça. O narrador acha estranho todos os tripulantes do barco acordados naquela hora. Ele tira Mengele e o outro prisioneiro da cabine, retira suas algemas para que pudessem se segurar e mantém a arma apontada para eles. Nisso uma lancha aparece atrás deles e dispara contra a barça, Erdstein vê cerca de doze homens a bordo que pareciam ser soldados paraguaios portando metralhadoras portáteis.<sup>139</sup>

Os dois tripulantes que cuidavam da barça vão em direção ao outro barco e o narrador percebe que tinham se vendido. Assim que a lancha fica mais perto, Mengele e seu amigo pulam para ela. Erich levanta a arma e faz quatro disparos contra Mengele que o acertam no peito e ao lado. Ao virar-se para Erich com uma expressão de surpresa, o detetive atira de novo, dessa vez acertando a garganta em cheio: “Seu corpo estremeceu violentamente e caiu da barça, de cabeça, dentro da água. Seus pés ficaram presos em algumas cordas que

---

<sup>136</sup>Ibidem, p. 188, 189.

<sup>137</sup>Ibidem, p. 191, 192.

<sup>138</sup>Ibidem, p. 193.

<sup>139</sup>Ibidem, p. 193, 194, 195.

estavam no convés; ficou dependurado, com a cabeça tocando a água”.<sup>140</sup> Na direção oposta aparece um grande navio patrulha argentino fazendo disparos contra o barco paraguaio que recua. Erdstein vê que arrancaram Mengele das águas enquanto a lancha se afastava e que seu corpo estava inerte e morto, tendo ficado na água por pelo menos cinco minutos. Erich sobe no navio argentino e vai em direção a Puerto Iguazú onde seria transferido para Buenos Aires e dali para Londres: “Mais uma vez estava deixando minha casa em segredo, sem dinheiro, sem nada. Novamente era um exilado”.<sup>141</sup> Refletindo sobre todos os acontecimentos narrados, Erich Erdstein termina seu livro com a seguinte reflexão:

Vi diante de mim o corpo de Mengele mergulhado dentro da água. Um nazista morto. Mas que importava isso? Um nazista não morre nunca. Aparecerá amanhã, novamente, com um rosto diferente e um nome diverso, talvez falando uma língua diferente, mas com as mesmas antigas ideias (BEAN; ERDSTEIN, 1977, p.196).

O epílogo aponta que Erich Erdstein chegou ao aeroporto de Heathrow em Londres em 22 de agosto de 1968<sup>142</sup> e que foi recebido por repórteres que ficaram sabendo dos acontecimentos e pelo serviço secreto britânico que o interrogou por diversas semanas. Nos anos seguintes viajou por toda a Europa até que em 1970 se estabelece no Canadá onde no momento da publicação do livro em 1977 vivia como imigrante. Ele se torna membro da Anistia Internacional e tenta usar sua experiência de 30 anos de investigação na perseguição de grupos terroristas que em sua concepção sejam de esquerda ou de direita, tem um objetivo em comum: minar a democracia (ERDSTEIN et al., 1977, p.197).<sup>143</sup>

O texto continua dizendo que:

Desde sua partida da América do Sul, oito dos doze países sul-americanos caíram sob regimes militares e que no Brasil, o Presidente Ernesto Geisel “sofreu crescentes denúncias por repressão política e uso de torturas. Numa conspiração em 1975, inúmeros brasileiros foram presos e perseguidos por se suspeitar que fossem “comunistas”. Violações de direitos humanos, prisões arbitrárias e detenções ainda não são raras. (BEAN; ERDSTEIN, 1977, p.197)

No último parágrafo do livro é apontado que não houve confirmação da morte de Mengele e nem do paradeiro de Martin Bormann, mas que as pessoas continuaram afirmando que viram Mengele no Paraguai e que Bormann teria sido localizado, dois boatos não confirmados. O livro termina com a denúncia: “Nenhum criminoso de guerra nazista foi

---

<sup>140</sup>Ibidem, p. 195.

<sup>141</sup>Ibidem, p. 195, 196.

<sup>142</sup> Essa data contradiz a sequência de eventos narrada no livro que tem escrito que Erdstein matou Mengele na madrugada entre o dia 14 e 15 de setembro de 1968.

<sup>143</sup>Ibidem, p. 197.

extraditado da América do Sul desde que Franz Stangl retornou à Alemanha em 1967, para ser julgado”.<sup>144</sup>

### 2.3 Reflexões

Esse livro tem uma abordagem muito interessante na mistura de fatos reais muito conhecidos e divulgados com a participação totalmente desconhecida de Erich Erdstein. Esse testemunho traz uma experiência para o leitor de realmente estar sendo confiado um segredo. Ligia Cademartori (1998) traz essa dimensão da história à literatura como um testemunho histórico, e que por mais que tenham diferentes graus de ambiguidade com relação a outros documentos: “os fenômenos históricos se refletem na literatura, sim, mas como um objeto diante de um espelho que se partiu em múltiplos fragmentos. A correspondência não é linear.”<sup>145</sup>. Assim, esse livro traz dois âmbitos distintos de reflexão, o período que a investigação foi feita entre 1967 e 1968 e dez anos depois quando o livro foi publicado em 1977.

Leonardo Affonso de Miranda Pereira e Sidney Chalhoub complementam essa questão direcionando os historiadores: “O que nos importa é investigar o sentido que os textos literários podem ter tido para seus contemporâneos, fugindo dos julgamentos estéticos definidos por uma história da literatura brasileira que define cânones e marcos diversos.” (1998)<sup>146</sup>. É possível observar durante a leitura que existem várias incongruências, contradições e a forma que Erdstein descreve sua investigação pode ser considerada “incrível demais”, porém ainda assim sua narrativa nos abre uma pequena janela de como talvez foi viver na América do Sul após a Segunda Guerra Mundial, e nesse trabalho mais especificamente no Brasil de 1967 e 1968. O significado de Erich Erdstein escrever esse livro dez anos depois de sua investigação pode ser uma vontade de entrar na disputa de narrativa a respeito do nazismo e fascismo no Brasil, e isso nos dá mais elementos para compreender o contexto político brasileiro durante a ditadura militar. Ele ativamente se coloca como testemunha dos acontecimentos relatados no seu livro e independente dos fatos serem verídicos ou não, aquilo demonstra o como ele interpretava a conjuntura vivida por ele no momento da escrita do livro. Segundo Bourdieu (2006) qualquer obra biográfica por mais lógica, coerente e organizada cronologicamente ainda é uma construção narrativa e é

---

<sup>144</sup>Ibidem, p. 198

<sup>145</sup> O presente artigo, de Ligia Cademartori, foi retirado de uma página na internet que não possui numeração de folhas. Disponível em: <https://www.cecult.ifch.unicamp.br/pf-cecult/public-files/publicacoes/116/historiacontada-ligia-cademartori.pdf>.

<sup>146</sup>O trecho foi retirado da mesma página da internet que a anterior e também não possui numeração de folhas.

perpassada pelas diversas subjetividades do autor que sempre cria uma personagem, então pode ser uma armadilha querer se ater fielmente a uma realidade quando ela é transcrita em um texto, pois ela passa por uma organização que tende a preencher lacunas e se ater ao discurso pretendido.

Pensando na ideia de imaginário de Moraes, que é um conjunto de imagens que dialogam com uma determinada comunidade, sendo essas imagens construídas coletivamente durante um período, conseguimos atingir os medos e aspirações de um povo (MORAES, 2002)<sup>147</sup>. A comunidade na qual Erich Erdstein transitou durante a narração da sua história é de uma população que participou em diversos níveis da Segunda Guerra Mundial e tinham diversas questões às atravessando como a perseguição à alemães durante o Governo Vargas, a culpa depositada depois do fim da guerra e entre os refugiados do Brasil temos não só criminosos de guerra mas também pessoas que não viam mais perspectiva para si e suas famílias em seu local de origem.

Em diversos momentos Erdstein mostra uma visão muito lúcida do que a ditadura militar representava e como ela operava demonstrando um conhecimento das operações. Em várias passagens o austríaco fala de como a ditadura militar dava liberdade total a policiais torturarem seus suspeitos, de como eles tinham poder de escolher quem iriam prender ou fazer batidas em propriedades independente de mandato ou investigação, ele fala muito da influência da elite fascista no golpe de 1964, de como essa elite tinha as rédeas das decisões políticas no Brasil.

Candido coloca que é possível verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade e para isso é preciso investigar as influências exercidas pelos fatores sócio culturais (2000, p.31). Ele aponta que existem quatro momentos da produção de um livro ou obra: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio”. (2000, p.31). Com isso demonstra que é essencial compreender a repercussão da obra além dela em si pois aponta que:

A arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito. (2000, p.32)

---

<sup>147</sup> Informações retiradas de artigo de meio eletrônico sem paginação. Disponível em: <https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>

É complexo determinar o que pode ter motivado Erich Erdstein a escrever esse livro, pode ter sido para limpar sua imagem que havia sido muito manchada pelos jornais como veremos no próximo tópico, pode ter sido a vontade de entrar na disputa de narrativa como foi sugerido anteriormente ou simplesmente pode ter sido uma forma ganhar dinheiro com suas experiências. De qualquer forma a seguir será discutido a repercussão de sua investigação em 1967 e 1968 com três reportagens publicadas a respeito do caso naquela época e depois uma reportagem de 1980 que saiu após a publicação do livro.

### 3. Algumas repercussões

Os jornais provocam um “impacto cumulativo a longo prazo sobre as representações de mundo de seus consumidores” (MIGUEL, 2000)<sup>148</sup> e de acordo com Victor Gentili (2001, p.1) o sistema midiático como hoje o conhecemos foi configurado e consolidou-se por volta da década de 70, portanto no contexto o qual o livro foi publicado e as matérias foram lançadas. Esse modelo de conglomerados midiáticos que respondem à um grupo de empresários é o sistema o qual Ciro Marcondes Filho (1994, p.78) coloca como composto por emissoras de televisão, jornais, revistas, emissoras de rádio e outros meios de informação que emitem uma visão de mundo uníssona alinhada com seus objetivos e interesses. Assim, usando a leitura de Tania Regina de Luca (2006), para além do discurso emitido pelas reportagens é necessário compreender quem emite esse discurso, pois isso influencia diretamente de como as informações são passadas e como afeta a subjetividade daquele que consome essas narrativas. Esse tipo de jornal responde a três dimensões de acordo com Marcondes Filho: “a) a inserção da notícia como fator de sobrevivência econômica (mercadoria), b) como veiculador ideológico, c) como estabilizador político” (1994, p.78). Portanto, ao apresentar as notícias sobre o caso irei refletir a respeito de quem estava por trás dos jornais e qual o discurso que pode estar sendo emitido além de comparar com as afirmações do livro.

São inúmeras as evidências que Erich Erdstein de fato estava fazendo uma investigação em solo brasileiro, Marcos Meinerz (2018, p. 221 e 222) apresenta em sua tese “O Reich de Mil Anos” a ficha consular de Eugene Parries comprovando que era de fato um cidadão de Luxemburgo e que chegara ao Brasil em 1957 e a nota publicada pelo jornal O Estado do Paraná de 13 de dezembro de 1967 sobre seu suicídio:

A legenda afirma que, pela posição do cadáver e pelas mãos, Parries supostamente reagiu, tendo sido, portanto, assassinado pelos nazistas e não se suicidado. A suspeita era de que ele estava chantageando a organização “círculo de ferro” para extrair dinheiro dos criminosos de guerra e de pessoas ligadas a organização. (MEINERZ, 2018, p.222)

Esse fato foi o que levou Erich à Rio do Sul onde interrogou diversas pessoas e realizou uma batida policial em uma casa em Dona Emma, região próxima à cidade de Santa Catarina, no dia 6 de dezembro de 1967. Como apresentado anteriormente a casa pertencia a Alexander Lenard, um conhecido escritor, linguista e médico húngaro.

---

<sup>148</sup> Informações retiradas de artigo da internet que não possui paginação. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882000000100008&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882000000100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em 10 de fev. de 2021.

Marcos Meinerz coloca que essa reportagem foi a primeira de uma série de quatro matérias publicadas em dezembro de 1967 pelo Jornal o Estado do Paraná que se dedica a narrar a investigação de Erich Erdstein especificamente em Rio do Sul e o caso de Dona Emma que levava o título “Mini-Reich opera no Brasil” (2018, p.149). O Jornal O Estado do Paraná era de circulação diária e de grande abrangência naquele momento e fazia parte do conglomerado de comunicação “Grupo Paulo Pimentel”, pertencente a Paulo Pimentel governador do Paraná que é citado inúmeras vezes no livro por incentivar pessoalmente Erdstein em sua caçada ao complô nazista. Além dessa série Erdstein também vendeu sua história para uma revista alemã chamada *NeueRevue* que fez uma publicação sobre os fatos apenas no fim da investigação, quando Erdstein já não se encontrava no Brasil (MEINERZ, 2018, p. 160). Editada em Hamburgo, na Alemanha, essa revista ilustrada era de circulação semanal, seu conteúdo tinha assuntos variados e era baseada principalmente em reportagens fotográficas semanais.<sup>149</sup>

A reportagem a seguir foi publicada O jornal o Diário do Paraná que era de propriedade de Assis Chateaubriand em parceria com a família Stresser, ambos responsáveis por grandes empresas de comunicação no Brasil. Além do jornal, os Stresser também foram fundadores da Rádio Colombo e a Rádio Ouro Verde além de diretores das emissoras da Rede Tupi no Paraná: TV Paraná e TV Coroados, todos conhecidos pelo seu discurso em consonância com o regime ditatorial. No texto a seguir a narrativa apresentada é completamente oposta da mostrada no livro a respeito da batida policial, colocando uma sucessão de eventos semelhantes, porém aqui a proposta é dar voz aos moradores da casa de Dona Emma e vizinhos que participaram dos eventos relatados. Ela foi publicada em 1968, quando Erdstein ainda estava fazendo a investigação.

---

<sup>149</sup> Informações retiradas da página da revista disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Revue\\_\(Illustrierte\)](https://de.wikipedia.org/wiki/Revue_(Illustrierte)). Acesso em 10 de abril de 2021.

Figura 5: Reportagem do Jornal Diário do Paraná, edição 03742 de 1968 – parte 1

**Nazismo, a Fantasia do Vale (II)**



**EIS "DR. L."**



Esta foto foi publicada em "The Meteor", do "College of Charleston" (USA), aparecendo Lenard dando aulas em que era chamado de nazista no Brasil.

# Vejam Aqui o que Houve Naquêle dia

Foi na noite de 6 de dezembro que tiveram início as violências na casa do dentista Alexandre Lenard, em Dona Emma, Santa Catarina, quando chegaram dois carros com soldados e o agente especial, invadindo a propriedade, segundo narração dos colonos que moram em frente. A casa estava vazia e fechada. Os milicianos iluminaram o terreno com tochas elétricas.

As 6 horas da manhã, chegaram à casa dos colonos Koenig, que foi cercada, pondo soldados armados em frente a cada janela. Logo acusaram a sra. Koenig de ter matado uma senhora idosa com uma injeção e anunciaram que ela e o marido estavam presos por dez anos. Os colonos, apavorados, não opuseram resistência a que entrassem na casa. Revistaram tudo. A sra. Koenig acusa os policiais, inclusive, do roubo de um relógio que havia comprado de um viajante, bem como NCr\$ 80,00, que ela guardava numa Bíblia em vista da proximidade das festas de fim de ano.

**«Ele é um assassino»**

Após tudo isso, começaram o interrogatório sobre Alexandre Lenard. Declararam estar à procura de armas, diamantes e rádio transmissor pertencente ao dentista, dizendo que ele tinha sido visto escondido na samambala d'êles, num Simca amarelo. Disseram, ainda, que a casa de Alexandre Lenard iria ser ocupada pelas forças policiais e que os colonos deviam sair imediatamente dali. O sr. Koenig mostrou a escritura da propriedade e só depois disso é que deslustraram de pôlos na rua. Declararam que Lenard era um assassino, que se escondia sob falso nome.

Segundo o relatório, Martin declarou ser "a maior autoridade policial do Brasil". Enquanto o sr. Koenig era interrogado pelos policiais no pátio, prendeu a sra. Koenig num quarto e lhe ofereceu dinheiro para que denunciasse Lenard. A resposta dela de que "não era Judas para acusar um inocente", passou a dirigir-lhe acusações, tais como de ser cúmplice "de um notório criminoso", chegando a ameaçá-la de vários anos de prisão se não falasse. Apoderaram-se, ainda, de duas fotografias, uma (amanho carteira, velha, que ele havia jogado no lixo tempos atrás e que Neno, segundo filho do casal Koenig, havia apanhado e guardado. A outra, em cores, apresenta Lenard, uma amiga do casal, a sra. Klein e a sra. Koenig.

**Agiu por vingança**

Mais adiante, é dona Andrietta Lenard quem diz: "Os policiais se serviram também do Simca claro de um tal "Leão Furtado", mau elemento do Vale, que já abandonou a esposa várias vezes, filho de um notório "benzedor" da região. Este indivíduo — proseguiu — agiu provavelmente por vingança, pois o meu marido nunca escondeu seu despriso por pessoas que, aproveitando-se da superstição dos colonos e da falta total de recursos médicos, hospitalares e farmacêuticos no Vale, com suas práticas de charlatães, impediram que os doentes procurassem logo médicos ou hospitais autorizados".

Sabe-se que a sra. Koenig perguntou a Leco porque agia tão baixamente e ele respondeu que o fazia para ganhar dinheiro. Além disso, o referido indivíduo prometeu (e não pagou) NCr\$ 200,00 para quem afirmasse ter visto Lenard num Simca escondido na samambala dos Koenig. Três pessoas prestaram a testemunhar o falso de acordo com d. Andrietta. São elas: um professor municipal, Pedro Hernando da Silva; sua irmã, Loui Blech; e um irmão menor, "Chico" Bernardo.

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Nessa primeira parte da reportagem que vem com o título "Nazismo, a Fantasia do Vale" e a manchete "Vejam aqui o que houve naquele dia" se apresenta a primeira parte dos acontecimentos. Primeiramente entrevistaram os vizinhos que indicaram que naquela casa moravam os colonos Koenig e que os policiais, ou milicianos como a reportagem se refere a eles, informaram para os moradores da região que a Sra. Koenig havia matado uma idosa com uma injeção letal e por isso não se opuseram à batida. De acordo com o relato da Sra. Koenig esses homens chegaram às 6 horas da manhã e entraram na propriedade procurando armas, diamantes, um rádio transmissor, um carro de modelo sinca amarelo e o Dr. Alexander Lenard, que é acusado de ser um assassino utilizando um nome falso. O investigador com o nome de Martin declarou aos residentes que era "a maior autoridade policial do Brasil" quando perguntaram sobre seu cargo. O Dr. Lenard e sua esposa não se encontravam na casa e a Sra. Koenig afirma que os policiais roubaram um relógio, NCr\$60,00 e levaram duas fotografias: uma fotografia colorida que retratava Dr. Lenard, uma amiga do casal chamada Sra. Klein e a Sra. Koenig e a outra não tem seu conteúdo revelado, só que era uma fotografia velha e que a família tinha jogado fora, mas seu segundo filho Neno havia encontrado e

guardado. A Sra. Koenig também afirma que o policial Martin ofereceu dinheiro para que ela denunciasse o Dr. Lenard e que ao recusar ele ameaçou prendê-la.

Cruzando com a versão do livro Erich se apresenta como Friedrich Martin algumas semanas antes na primeira vez que vai à casa conversar com a governanta Natalie Klein.<sup>150</sup> Em nenhum momento ele revela o conteúdo das conversas com os vizinhos no dia da batida, apenas que o ajudaram de bom grado e aponta que só conheceu os Koenig nesse dia e sem nenhuma menção específica à Sra. Koenig. Erdstein revela que as pessoas nas fotografias encontradas eram Alexander Lenard, Karen Fiedler, Josef Mengele e Natalie Klein e na segunda foto tinha Lenard, Mengele e mais um homem não identificado.<sup>151</sup>

Na continuação da reportagem os jornalistas partem para a entrevista com Andrietta Lenard, esposa do doutor. Na parte que vem com o subtítulo “Agiu por vingança” ela acusa que essa batida policial foi armada por Leco Furtado, filho de um notório benzedor da cidade, pois Dr. Lenard acusou seu pai de charlatanismo. Ela aponta que Leco prometeu pagar as pessoas da cidade NCr\$200,00 para quem afirmasse ter visto Lenard em um sinca amarelo e que três pessoas concordaram: um professor municipal chamado Pedro Bernardo da Silva e seus dois irmãos. Nenhum Leco é citado no livro, mas Erdstein conta uma experiência que teve no que aparentava ser um terreiro onde teve confirmação de que havia nazistas na cidade (ERDSTEIN, 1977, p. 117) e cita várias vezes que os nazistas andavam em um sinca amarelo.

Na próxima parte Sra. Lenard afirma que a Sra. Klein chegou no local às 7 horas da manhã e que os investigadores haviam decido escadas dos fundos da casa que dava à floresta. Ao voltarem deram voz de prisão à senhora acusando-a de crimes nazistas, pois sabiam que ela havia voltado à Alemanha em 1938, casado com um “SS” e que estava trabalhando com Dr. Mengele escondido atrás do nome de Dr. Lenard. Ela também foi acusada de ser amante do médico e de ter trabalhado com ele no campo de concentração Bergen-Belsen colaborando com o genocídio. Sra. Klein fala na matéria que foi enviada com 17 anos como empregada para trabalhar para uma família alemã e que só foi a esse campo para lavar roupa de americanos os quais seu marido trabalhava junto. Ela aponta que sofreu muito durante a guerra e que foi contratada à convite nesse campo após o conflito pela fartura de alimentos que tinha ali, as judias as quais ela lavava roupa a queriam bem e davam suas sobras de alimentos à Sra. Klein.

---

<sup>150</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P. 119.

<sup>151</sup>Ibdem, p. 130.

Figura 6: Reportagem do Jornal Diário do Paraná, edição 03742 de 1968 – parte 2

**Onde entra o nazismo**  
 É ainda dona Andrietta quem diz, baseada nas palavras de seus casados: "Depois desta balada na casa dos Koenig, os policiais desceram a escada que o sr. Koenig construiu para nós na floresta e chegaram a nossa casa. Lá, a sra. Klein, que havia chegado pelas sete horas, tinha sido obrigada, por vários policiais a esperar o delegado e o investigador, que viriam logo".  
 Quando o investigador chegou, declarou prisa a sra. Klein, acusando-a de crimes nazistas, pois sabia que ela tinha voltado para a Alemanha em 1938. Acusou a mulher de ter casado com um "SS" e de colaborar, agora, com o médico criminoso Mengele, "condido como doutor Lenard". Mandou que se aprontasse imediatamente, pois seria levada presa para o Rio e depois enviada à Alemanha para responder pelos seus crimes. Diante da atitude firme da sra. Klein,

passou a acusá-la de "ser a amante do doutor Lenard". Tentou forçá-la a falar "dos crimes do doutor Lenard", insistindo que este era um assassino. A sra. Klein pediu prova de suas afirmações.

**Polícia quase secreta**  
 Martin declarou ser da Polícia secreta quando a sra. Klein perguntou quem era. Acusaram-na de ter trabalhado com Mengele no campo de concentração de Bergen-Belsen e ter colaborado no genocídio. A sra. Klein, que efetivamente foi enviada à Alemanha em 1938, como empregada de uma família alemã pelos seus pais — tinha então 17 anos — declarou que apenas tinha ido lavar roupa naquele campo, "onde seu marido trabalhava para os americanos, mas que logo se deu depois da guerra". Disso mais, ter se empregado a convito, tendo muito sofrido durante a guerra e porque no campo havia feita distribuição de alimentos e às mulheres judias, para as quais lavava roupa e que a queriam bem, dando-lhe o que sobrava.

Porém Martin continuou "cada vez mais grosseiro e ameaçador", querendo que denunciasse Lenard e contasse o que sabia sobre ele. Enquanto isso, o filho do farmacêutico de Itirama, um tal Müller, advogado, revistava a peça do porão, onde Lenard guardava as amostras grátis que recebe de médicos de São Paulo para ajudar aos pobres. Acusaram, então, a sra. Klein de ter mentido, afirmando que Lenard não tinha mais farmácia. Ela explicou que Lenard distribua os remédios aos necessitados, principalmente em casos de socorros urgentes. Revistaram também a adega e "mostraram grande desapontamento ao verificar que apenas havia vidros de gelatina". Em seguida, proibiram a sra. Klein de sair, viajar ou comunicar-se com dona Andrietta Lenard, anunciando que voltariam outra vez. Até agora não voltaram.

**É MAIS FÁCIL DIZER O QUE ELE NÃO FEZ**

Para ajudar nas "investigações", o DF publica a biografia do cientista Alexandr Lenard. Ele nasceu em 9 de março de 1.910 em Budapest (Hungria), filho de um grande filólogo húngaro, Jeno Lenard, especialista em idiomas orientais e autor de uma obra famosa sobre budismo (Dhammo, 2 volumes). A mãe, Ilona Hoffman Lenard, era pintora. Até 1.920, Alexandr Lenard viveu em Budapest e a partir daquela data toda família se transferiu para Viena. Os estudos secundários foram feitos na Faculdade de Medicina em Viena. Quando viajante, Lenard viajou pela Europa (Orford, Paris, Turquia, Grécia e Itália).

Em 1.938, foi para a Itália, fugindo do nazismo, com um visto de três meses, mas não voltando mais para Viena. Viveu de 1.938 a 1.944 como jornalista, escritor e colaborador de revistas médicas. Os trabalhos de pesquisa na História da Medicina mais importantes foram feitos para o Laboratório Químico CIBA, da Basileia.

**Luta na Resistência**  
 Em 1.944, iniciou atividades na Resistência.

cia antinazista recebendo diploma do Marechal Alexander pelos trabalhos prestados. Logo após a chegada dos Aliados em Roma, em 1.945, trabalhou no Psychological Warfare Branch, no United States Claims Service (Serviço de Reclamações e Indenizações) e no Graves Registration Service. Os dois últimos, como médico. Em 1.949, iniciou as práticas de imigração ao Brasil, junto à IRO (International Refugee Organization).

Chegou ao Brasil com a família no dia 15 de fevereiro de 1951, com o passaporte ..... 172.460, expedido em Bagnoli (Itália), a 28 de novembro de 1.951. Após uma temporada na Ilha das Flores, foi contratado como enfermeiro pela Plumbum, sociedade franco-brasileira e seguiu para a mina de chumbo de Adrianópolis (Ribeira). Em 1.953, foi para São Paulo onde trabalhou como assistente do médico Egberto Silva. Em 1954, traduziu os congressos médicos do quarto centenário de São Paulo. Com os lucros, comprou terras em Dona Emma, Santa Catarina.

**No «Céu é o Limite»**  
 Em 1956, tomou parte no programa «O Céu é o Limite», respondendo sobre Bach e com o dinheiro ganho (duzentos cruzados novos), comprou a farmácia de Dona Emma. Em 1959, foi tradutor no Congresso de Anatomia Patológica, em São Paulo. No mesmo ano, fez imprimir em São Paulo, seu livro «Winnie the Pooh», tradução do livro infantil de A. A. Milne, «Winnie, The Pooh».

No ano seguinte, o livro, publicado na Suécia, para circulação particular como presente do editor, alcança sucesso inesperado, sendo reeditado naquele país e em seguida na Inglaterra, por fim, em 1961, nos Estados Unidos, onde se torna, o «best-seller» do ano. Em 1963, é convidado a participar do Congresso Anual de Latim e Grego para 1964, em Illinois, Estados Unidos. Em 1966, recebe novo convite para o mesmo congresso. Na mesma ocasião, foi convidado pela Faculdade de Medicina (Illinois) para fazer um ciclo de conferências sobre o ensino de Latim. Pouco depois, fez uma conferência na Faculdade de Charleston, cujo diretor e convidou para ensinar o Latim por todo um ano letivo. Em fins de agosto de 1967, seguiu para os Estados Unidos a fim de cumprir o contrato firmado com a Universidade de Charleston, encontrando-se lá até hoje. Em junho, regressará ao Brasil.

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

Como apontado antes, no livro Erich narra uma postura totalmente diferente da Sra. Klein, não se fala sobre seu casamento ou seu caso com Mengele como apontado na reportagem e mostra uma mulher assumidamente nazista que defende Mengele e Lenard, confessa seus trabalhos nos campos de concentração dando a entender que não se importava com a vida dos judeus.<sup>152</sup> No jornal a governanta relata para os jornalistas que os remédios encontrados na casa eram amostras grátis enviadas por farmacêuticos de São Paulo que Dr. Lenard guardava para dar aos mais necessitados da cidade, enquanto Erdstein fala no livro que além dos remédios encontrou um quilo de cocaína. Ela conta que o policial Martin se mostrava cada vez mais “ameaçador e grosseiro” com suas recusas a colaborar e que ele a mandou não viajar ou se comunicar com a família Lenard, pois ele iria voltar e de acordo com ela nunca mais voltou.

<sup>152</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P.131

Figura 7: Reportagem do Jornal Diário do Paraná, edição 03742 de 1968 – parte 3

**Luta na Resistência**  
Em 1.944, iniciou atividades na Resistência

**No «Céu é o Limite»**  
Em 1950, tomou parte no programa «O Céu

...mado com a Universidade de Charleston, encontrando-se lá até hoje. Em junho, regressará ao Brasil.

## É Escritor e Fala

### "Apenas" 11 Línguas

Além de todas as atividades que desenvolveu na vida, o "misterioso doutor L." fala vários idiomas, que são: húngaro, sueco, holandês, alemão, inglês, italiano, francês, espanhol, grego e português. Recebeu referências em todos importantes jornais do país, principalmente quando participou de congressos e obteve vitória no antigo programa "O Céu é o Limite".

A imprensa estrangeira tem dedicado páginas inteiras ao escritor Alexandre Lenard, tais como "New York Times" e outros. Recentemente, "Time" abriu suas páginas para falar sobre sua vida. Em 21 de abril de 1961, "Life" (edição americana) dedicava quatro páginas sobre ele. Naquela época, seu livro "Winnie Ille Pu" foi "best-seller" nos Estados Unidos, vendendo mais de 130 mil exemplares.

Publicou artigos, livros científicos, literários, de poesias, em vários idiomas. É em virtude disso que seu nome, Alexandre aparece de diferentes maneiras, como Sandor, Alexander, e Alessando. Em 1947, uma publicação (La Limitazione della Prole) fez sucesso na Itália, assim como outras publicações de caráter científico, como "A Criança Sá e Doente" (em italiano).

Em alemão, escreve poesias, publicando cinco volumes de 1947 a 1951, os quais são: "Ex Ponto", "Orgebüchlein", "Andrietta" (este dedicado a sua esposa), "Die Leute Sagen" (A gente fala) e "Entre os Fantasmas e as Utopias".

Em inglês, publicou mais recentemente "The Valley of The Latin Bear", com prefácio de Robert Graves e desenhos do próprio Alexandre Lenard, fazendo sucesso nos Estados Unidos. O livro é sobre o Vale do Itajaí.

Este homem, que tantas coisas fez pelo Brasil e pela humanidade é que foi chamado de nazista. Em junho, estará de volta ao nosso país para rever o verde Vale do Itajaí, o canto dos pássaros e voltar à calma e tranquilidade de outros tempos, sem polícias secretas, sem acusações, e sem bormans ou mengeles.

### COMO ERA VERDE O MEU VALE



É a residência de Alexandre Lenard no Vale do Itajaí. O verde da natureza da região — exaltado por ele inclusive em livro escrito na língua inglesa — será revisto em junho, quando voltar ao Brasil.

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

Por fim, a matéria se foca em discorrer a respeito de Alexander Lenard, apontando seus feitos como poliglota, escritor e pesquisador. O jornal o descreve como o autor de "Winnie the Pooh", quando na verdade ele traduziu o livro para o latim e conta de um artigo feito sobre ele em 1961 para a revista Time. O texto termina com o parágrafo:

Este homem que tantas coisas fez pelo Brasil e pela humanidade é que foi chamado de nazista. Em junho estará de volta ao nosso país para rever o verde Vale do Itajaí, o canto dos pássaros e voltar à calma e tranquilidade de outros tempos, sem polícias secretas, sem acusações e sem bormans ou mengeles.

O tipo de linguagem adotada nesta matéria demonstra uma intenção aparente de limpar a honra dos moradores da propriedade de Dona Emma. De acordo com KeulyDarianaBadel (2011, p. 2) Alexander Lenard passou todo o período da Segunda Guerra Mundial trancado em bibliotecas de Roma realizando estudos sobre a medicina no mundo antigo e com medo de uma possível Terceira Guerra Mundial vem ao Brasil através da Organização de Refugiados. Badel conta que Lenard chegou a escrever um artigo sobre esse caso intitulado "Como cheguei a ser Bormann e Mengele: um relatório da floresta virgem" e

narra que foi uma confusão feita pelo jovem Erich Erdstein vindo do Uruguai que trabalhava para a polícia em Curitiba, e passava férias em Dona Emma, um pouco diferente da versão do livro e do jornal (2011, p.14).

KeulyBadel continua dizendo que nesse artigo Lenard fala que esse jovem o denunciou primeiro como Martin Bormann o que levou a ter sua casa invadida e vasculhada enquanto estava nos Estados Unidos, mas ao ver os instrumentos médicos o denuncia como Josef Mengele (BADEL, 2011, p.14). O linguista e médico afirma que a máscara mortuária que Erich encontra na casa e deduz que era de Hitler na verdade era de Bach (BADEL, 2011, p.14). Não existe nenhuma evidência de que Alexander Lenard seja nazista ou tenha alguma ligação com nazistas.

Marcos Meinerz coloca que depois desse artigo escrito por Lenard a revista alemã interrompe a série que estava fazendo sobre o caso e continua:

As suas investigações geraram tamanha celeuma, que as autoridades de Santa Catarina foram obrigadas a intervir, proibindo-lhe de continuar com a farsa em jurisdição que não era de sua alçada e sugeriram que retornasse ao Paraná. A Secretaria de Segurança do estado determinou ainda a abertura de inquérito policial ante os problemas causados pelas atividades de Erdstein na região de Dona Emma e outras cidades de origem e descendência alemã (MEINERS, 2018, p.160)

Erich não comenta sobre a proibição de continuar sua investigação em Santa Catarina no livro, apenas muda o foco para o Paraná indicando que o nazismo era mais forte por ali. Meinerz coloca que como Erdstein se apresentava como um policial do DOPS para as pessoas e para os jornais numa época de ditadura militar muitos não contestavam suas informações e atitudes (2018, p.162).

A próxima reportagem também é de 1968 e foi publicada no “Jornal do Brasil” um periódico muito tradicional brasileiro, sediado no Rio de Janeiro e fundado em 1891 por Omar Resende Peres Lima e Joaquim Nabuco, no momento dessa publicação era encabeçado pelo jornalista Alberto Dines. Segundo Marieta de Moraes Ferreira e Sérgio Montalvão<sup>153</sup> o jornal tinha quatro pilares que os guiava “católico, liberal-conservador, constitucional e defensor da iniciativa privada” e o editorial se colocava como apoiador da ditadura militar em curso. A reportagem tem como manchete “Polícia do Paraná diz que Erich não é espião judeu mas sim estelionatário”.

---

<sup>153</sup>FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. O Jornal do Brasil. In: FACULDADE GETÚLIO VARGAS. Faculdade Getúlio Vargas. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: Fgv, 2009. p. 30. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>. Acesso em: 15 abr. 2021.

Figura 8: Reportagem do Jornal do Brasil edição 00221 de 1968

Ano 1968 | Edição 00221 (1)

## Polícia do Paraná diz que Erich não é espião judeu mas sim um estelionatário

Curitiba (Correspondente) — O pseudo-espião Erich Erdstein foi considerado pela polícia paranaense nada mais que um vigarista, escroque internacional e estelionatário responsável pela emissão de cheques sem fundos no Estado.

«Erich Erdstein se apresentava aos judeus como agente de segurança contra carrascos nazistas e afirmava haver matado Joseph Mengele. Só em Foz do Iguaçu, onde esteve prestando serviços na delegacia regional de polícia, Erich passou cheque sem fundos no valor de RCr 1.800,00.

### ABANDONOU POLÍCIA

Atualmente o falso espão está em vias de ser demitido da Secretaria de Segurança Pública por abandono de função, pois há mais de dois meses não comparece ao serviço, além de responder a processo criminal.

De acordo com sua ficha funcional, Erich Erdstein foi admitido como contratado da polícia paranaense no dia 22 de junho de 1966, para exercer a função de tradutor especializado nos idiomas Inglês, Francês, Alemão e Espanhol.

Antes disso, ele trabalhava em Quarupava, na fábrica Litcher de celulosas, que o havia trazido do Uruguai, onde a cidade firma tinha outra filial. Dada a sua habilidade de poliglota e desenvolvedora, como pessoa de vivência internacional e de alto padrão de vida, conseguiu as coisas com facilidade. Assim não foi difícil ser contratado como tradutor da Secretaria de Segurança Pública.

Sua primeira função foi na Delegacia de Estrangeiros, sendo designado em 11-6-66. No dia 20 de setembro do mesmo ano, assumiu na Delegacia de Furtos e Roubo, em 9 de fevereiro de 1967 teve prorrogado seu contrato de trabalho por mais um ano; em 25 de abril de 67, foi removido da Delegacia de Furtos e Roubo para a Delegacia de Costumes; a 12 de junho de 67 voltou para a Delegacia de Estrangeiros.

No dia 31 de janeiro de 68 teve seu contrato de trabalho prorrogado por mais um ano, e a 30 de março foi removido para a Delegacia de Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná. Posteriormente, a 7 de junho deste ano, pela Portaria 287, transferiu-se para a 12ª Delegacia Regional de Polícia de Foz do Iguaçu. Em 7 de agosto teve outra indicação para a Delegacia de Ordem Política e Social, mas não chegou a assumir. Finalmente, em 13 de setembro, o delegado regio-

nal de Foz do Iguaçu comunicou ao gabinete da Secretaria de Segurança que Erich Erdstein havia abandonado suas funções.

### FALSO ESPÍO

Informações de policiais que conheceram Erich Erdstein ou que com ele trabalharam são unânimes em apontá-lo como vigarista.

Gracias à sua habilidade pessoal, conseguiu criar o mito de uma célula de grupos de ex-carregados nazistas em Marechal Cândido Rondon e Foz do Iguaçu. Em conversações, presumem os informantes, que Erich Erdstein tenha citado grande quantidade de dinheiro dos judeus redimidos no Paraná, sob promessa de dar proteção e extrair os mesmos presumivelmente escondidos no Paraná, um dos quais Joseph Mengele, um dos quais Joseph Mengele, que ele afirma haver matado.

A mapinha sobre a reconstrução financeira que se obtinha foi mencionada por um policial, em face do alto padrão de vida que Erich tinha, injustificável para um funcionário contratado que vivia exclusivamente de seus vencimentos como tradutor.

Durante o tempo em que esteve em Curitiba, Erich mantinha também um bar na Rua Pedro Ivo, no qual eram vistos frequentemente grupos de judeus em conversações. Conta que, certa vez, ele tinha um cheque de dois mil cruzados novos, logo após haver conversado com um grupo de videntes judeus.

Seu último golpe como estelionatário foi em Foz do Iguaçu, onde passou um cheque sem fundos, de RCr 1.800,00 desaparecendo em seguida. Em alguns, as atividades de Erich Erdstein no Paraná confirmam uma condição de autor do que se poderia chamar de "contato do espão".

### Ex-prisioneiro não crê na execução de Mengele

Erich Northon (Buenos Aires) — O ex-prisioneiro de campos de concentração fora do Brasil, 56 é o único judeu no Brasil capaz de reconhecer Mengele.

Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

Como demonstrada na manchete, essa matéria tem o objetivo de desmentir o cargo de espião de Erich Erdstein. O texto inicia contando que ele está em processo de demissão do seu emprego na Secretaria de Segurança Pública por abandono de cargo e que era contratado pela polícia do Paraná como tradutor e não como policial. A matéria continua dizendo que ele trabalhava em uma fábrica no Uruguai, mas pelas suas habilidades políticas internacionais conseguiu subir seu padrão de vida.

O texto afirma que foi admitido em 27 de abril 1966 e sua primeira função na polícia do Paraná era no departamento de estrangeiros até 20 de setembro do mesmo ano onde passou

para a delegacia de furtos e roubos. Em 9 de fevereiro de 1967 tem seu contrato prorrogado por mais um ano e em 25 de abril de 1967 é transferido para a delegacia de costumes até 22 de junho de 1967 quando volta para a delegacia de estrangeiros. No dia 31 de janeiro de 1968 tem seu contrato prorrogado por mais um ano e em 20 de março é transferido para a delegacia de Marechal Cândido Rondon. Em 7 de junho é transferido mais uma vez para a delegacia de Foz do Iguaçu. Em 7 de agosto foi indicado para a delegacia de ordem política e social, mas não chegou a assumir o cargo. Em 29 de setembro de 1968 o delegado de Foz do Iguaçu entra com o processo contra Erdstein para demissão por abandono de função. As transferências de cargo batem com a linha do tempo apresentada no livro, mas ao invés de delegacia de furtos e roubos Erich aponta que trabalhava como chefe investigativo da polícia civil, responsável por homicídios, narcóticos, corrupção e do DOPS<sup>154</sup> enquanto a reportagem coloca que só foi indicado mas não chegou a assumir o cargo.

O texto continua falando que todos os colegas da polícia que conheceram ou trabalharam com Erich Erdstein o apontam como vigarista. Diz que: “graças a sua habilidade social conseguiu criar o mito da existência de um grupo de “ex-carrascos” nazistas em Marechal Cândido Rondon e Foz do Iguaçu” e continua dizendo que com isso ele conseguiu uma grande quantidade de dinheiro de judeus radicados no Paraná com o propósito de manter sua investigação. No livro o narrador cita apenas um contato com outros judeus no país e raramente toca na sua experiência como judeu.

A linguagem utilizada na reportagem aparenta demonstrar que a ideia de nazistas em solo brasileiro é totalmente infundada, porém no ano anterior Franz Stangl havia de fato sido encontrado trabalhando na Volkswagen de São Paulo e de acordo com Felipe CittolinAbal o nazista tinha um papel essencial na vigilância dos trabalhadores da fábrica e de “auxílio ao aparato repressivo militar” (ABAL, 2017, p.241). Portanto essa negação de nazistas no Brasil soa um tanto exagerada se analisarmos que existiam evidências disso naquele momento.

No final de sua investigação, Erdstein aponta no livro que estava ficando sem dinheiro e começa a vender seus objetos pessoais para pagar os madeireiros donos da barcaça que estavam mantendo Mengele e seu segurança no meio do rio Paraná por semanas, então a acusação feita pelo jornal de que o espião havia passado um cheque sem fundo de NCr 1800,00 tem fundamento. A matéria coloca que Erich tinha um alto padrão de vida e mantinha

---

<sup>154</sup>ERDSTEIN, Erich; BEAN, Barbara. **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Nórdica, 1977. P.80.

um bar em Curitiba na rua Pedro Ivo, onde era visto constantemente em meio a confabulações com outros judeus.

As acusações das reportagens batem em diferentes níveis com o que Erdstein relata no livro o que fortalece a ideia de que uma das motivações para a escrita seria a vontade de relatar sua versão dos fatos e se defender dessas imputações. Existem passagens como por exemplo a que ele explica que seu contrato com o governo do Paraná era diferente por ele ser estrangeiro, mas no momento que trabalha no Brasil ele afirma que era de fato policial. Outra evidência disso é mostrada depois da primeira prisão de Mengele quando ele fala que não gostou da repercussão que os casos de Dona Emma e Marechal Rondon foram retratados pela mídia.

A reportagem a seguir, de 1969, se refere especificamente à entrevista dada por Erich à revista *NoueRevue* da Alemanha a respeito de sua investigação no Brasil.<sup>155</sup> A imagem da reportagem mostra uma foto da matéria da revista em alemão onde a tradução literal da manchete é “É por isso que atirei no assassino em massa nazista Mengele”. A fotografia acima é de Erich, de óculos escuros<sup>156</sup>, não é possível ler a legenda das fotos abaixo mas à esquerda parece ser Alexander Lenard com uma mulher (talvez a foto que Erich achou em sua casa) e a direita é uma foto do rosto de Parrie enforcado em seu quarto de hotel.

No primeiro parágrafo colocam que o austríaco era um conhecido vigarista por aqui e que andava fazendo “fortes acusações contra o Exército Brasileiro”. A matéria continua indicando que os europeus estavam levando suas alegações a sério e que os direitos para a publicação de sua história já haviam sido comprados. O texto da revista alemã mostrava Erich falando em primeira pessoa sobre seus feitos como agente especial e sua investigação de 18 meses que o obrigou a sair do país pois estava sendo perseguido. O texto fala que o detetive “não sabia da força da influência fascista nos mais altos círculos militares que arrancaram o governo geral do Brasil”.

---

<sup>155</sup> Essa reportagem também engatilha outra no mesmo ano pelo mesmo jornal (edição 04089) que mostra um dossiê de atividades ilícitas praticadas por Erich Erdstein compilado e divulgado através de uma entrevista coletiva pelo Coronel Oswaldo Blanco, delegado da polícia federal do Paraná. A matéria conta que esse dossiê foi compilado com a ajuda da Interpol.

<sup>156</sup> No livro “Mengele: A História Completa do Anjo da Morte de Auschwitz” de Gerald L. Posner e John Ware os autores contam na página 217 que Erich Erdstein usava óculos escuros o tempo inteiro, seja dia ou noite e que estava sempre carregando “seu melhor amigo” um revólver Taurus calibre 38.

Figura 9: Reportagem do Jornal Diário do Paraná, edição 04087 de 1969



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

Erich conta o caso de Parrie para a revista e o jornal Diário do Paraná confirma que esse caso fora real, mas aponta que Parrie utilizava documentos franceses e não de Luxemburgo e confirma a versão oficial que a causa da sua morte era suicídio. No parágrafo seguinte Erdstein fala da sua perseguição por Bormann e Mengele e comenta que os seguiu até “Rio do Sul, onde descobri o palacete de um certo Alexander Lenard” contando de forma resumida a batida e o que encontrou por lá igual a versão de seu livro. Ele continua contando a respeito da captura de Mengele e como o ameaçou com o pau de arara, afirmando que era uma prática comum de tortura da polícia brasileira para obter confissões. Conta a respeito da soltura da primeira vez que o prendeu por parte do governo e acrescenta:

Descobri então que fui vítima das “forças ocultas” do Brasil. Uma vítima daqueles oficiais de alta patente, que através da cortina usam a força no Brasil. Eles pensam como fascistas e tem grande simpatia com os nazistas. Mengele teve ajuda desses oficiais.

Esse artigo assim como os anteriores acusa Erich Erdstein de ser um estelionatário, vigarista, aproveitador, mentiroso e etc., e não deixam de citar a gravidade de suas acusações contra o governo militar. A linguagem adotada passa a impressão que a ideia de nazistas no Brasil é totalmente infundada e que o austríaco manipulou a todos para conseguir dinheiro.

A terceira reportagem é datada em 1980, publicada depois do lançamento do livro no Brasil em 1979. Esta é a primeira de uma série de 3 edições sobre o caso lançada pelo jornal

“O Estado” de Santa Catarina, a primeira em 18 de maio de 1980, a segunda no dia 20 de maio do mesmo ano e a terceira no dia 21 de maio. Aqui, algumas pessoas do Rio do Sul que Erdstein diz que o ajudaram na investigação assim como os que foram acusados de nazistas se pronunciam.

Leani Budde e Alexandre Fernandes Vaz apontam que o jornal “O Estado”: “apesar de cumprir seu papel e apoiar o regime, não foi o veículo de comunicação de Florianópolis preferido pelo governo ditatorial, que acabou apostando no conglomerado RBS como principal aliado” (2014, p.192), mas independente disso ainda era um jornal conservador que defendia o sistema político vigente e de acordo com os autores a partir de 1970 tenta ser um impresso mais informativo e menos político, buscando uma suposta imparcialidade política (2014, p.196).

A duas colunas da esquerda se volta a contar a trajetória de Erich baseada no livro, com todas as passagens apresentadas iguais ao resumo do item anterior deste trabalho. A primeira foto é de Erich Erdstein, a segunda é Heitor Sché que no livro é chamado de Hector Von Schee na época delegado da cidade, a terceira é Erich com repórteres da *Neue Revue* em 1969 na Europa e a quarta imagem é de Joseph Mengele. Embaixo dessas quatro fotos tem um conjunto de manchetes lançadas pelos jornais sobre o caso com dizeres como “Nunca existiu IV Reich no Brasil”, “Autoridades protestam contra os boatos de nazismo em Rio do Sul” e “Eles confiaram em Hitler, agora a suspeita chegou”.

Figura 10: Reportagem do Jornal “O Estado” de 18 de maio de 1980





Fonte: Acervo pessoal

Na coluna de baixo o item “Na época, houve verdadeira revolta em todo o vale” diz que devido a protestos das pessoas matérias sobre a investigação de Erdstein e dos complôs nazistas em Santa Catarina e Paraná sumiram da imprensa. Erdstein cita durante o livro dois jornalistas que o acompanharam em diferentes momentos da sua investigação e fizeram reportagens a seu favor: Francisco Camargo do jornal “A Tribuna do Estado” de Curitiba e Moisés Rabinowitz do diário paulista “Jornal da Tarde”. Não foi possível localizar essas reportagens em hemerotecas digitais. A busca foi feita na hemeroteca da biblioteca pública de Santa Catarina, hemeroteca digital do Estado do Paraná e na do Arquivo Nacional e de acordo com essa nota é possível que não existam registros dessas reportagens por conta desses protestos. Também não foi encontrada nenhuma declaração de Paulo Pimentel, João Goulart e outros apoiadores da campanha de Erich.

As colunas da direita contam sobre as reações das pessoas ao lançamento do livro: J. Mathias Júnior fez uma reportagem para a Revista Panorama desmentindo tudo o que aconteceu no Paraná e em Santa Catarina as reações se fizeram primeiro na Assembleia Legislativa quando Heitor Sché, naquele momento deputado, denuncia o que considerou injúrias e difamações: Heitor o chama de “mentiroso, imprudente e leviano” e coloca que quando conheceu Erdstein não levou fé em sua investigação, pois conhecia Guemballa e não achava que estava envolvido com neonazistas. Ele também diz que recebeu reclamações que Erdstein tinha deixado dívidas em vários bares e boates da zona de meretrício e que achava que queria extorquir dinheiro de Guemballa.

Em todas essas reportagens apresentadas o tom de indignação e de denúncia a campanha feita por Erich Erdstein e depois pela história contada no livro é evidente. De fato Erich “feriu” a honra das elites do sul do país e principalmente ao governo militar quando discute abertamente sobre o fascismo nas raízes desse governo ditatorial e sua semelhança com o que presenciou nos anos da segunda guerra, mas nessas reportagens é possível perceber que existe uma intenção de se evitar reconhecer a possibilidade de nazistas no país, talvez para seguir o que Marcondes Filho (1994) coloca como um discurso estabilizador político e ideológico. Erdstein não parece ser a vítima dessa história, ele abusou muito de seu poder como policial e de fato fez acusações sérias sem as devidas provas. Enquanto no sul houve essa revolta, foram encontradas na hemeroteca da Biblioteca Nacional diversas notas indicando a leitura do livro nos cadernos de cultura e literatura de jornais de outros estados como Pernambuco, Minas Gerais, etc, sem tocar nas polêmicas que o envolviam.

#### 4. Considerações Finais

Erich Erdstein tocou em uma ferida aberta a respeito do pós-guerra e dos governos latino americanos. Muitas das bandeiras e acusações levantadas por ele naqueles anos foram confirmadas posteriormente, como a operação Odessa, nazistas em posições de liderança no governo e em empresas, Mengele estar de fato no Brasil, etc. Não sabemos se o homem que ele alega ter atirado era o “Anjo da Morte”, porém o real Josef Mengele faleceu em Bertioga, cidade do litoral de São Paulo, por um mal súbito dentro do mar coincidentemente em 1979, mesmo ano do lançamento do livro de Erdstein no Brasil.<sup>157</sup>

A forma como o livro é escrito é muito fantasiosa, a persona que Erdstein constrói para si mesmo é humanamente impossível de ser real. Aparentemente ele deixa muitos detalhes fundamentais fora da sua narrativa, mas as reportagens de jornais confirmam que ele era um homem muito carismático. De qualquer forma o jeito de como as pessoas se envolviam, o ajudavam na sua investigação e se aliavam a ele durante a sua narrativa não é verossímil, além do fato dele ter saído ileso de inúmeras emboscadas, rajadas de metralhadora e até uma bomba em seu carro. A quantidade de amigos poderosos e influentes que Erdstein tinha além das suas participações muito importantes em diversos acontecimentos históricos como o episódio do *Graf Spee*, da captura de Stangl, da descoberta de grupos de extrema-direita que participaram do golpe de 1964, só complementa essa questão, porém como apontado anteriormente pensar nas verdades e mentiras de seu livro é irrelevante, e segundo Bourdieu (2006), qualquer obra biográfica é uma ilusão. Erich era, acima de tudo, um romancista de ficção policial.

De qualquer forma, como demonstrado ao longo do trabalho, Erich Erdstein fala muito dos bastidores da polícia e política brasileiras e existem provas de sua atuação como policial. Acredito que o motivo pelo qual ele conseguiu manter essa operação por tanto tempo interrogando pessoas, fazendo batidas sem mandato, acuando, acusando e inclusive possivelmente prendendo duas pessoas em uma barcaça por meses no meio do rio Paraná<sup>158</sup>, era porque um policial no Brasil durante a ditadura militar tinha liberdade o suficiente para fazer tudo isso.

---

<sup>157</sup> Informações retiradas da reportagem de Frederico Rosas. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/07/politica/1391769715\\_190054.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/07/politica/1391769715_190054.html). Acesso em 15 de abr. de 2021

<sup>158</sup> Em uma entrevista que aparece no livro de Gerald L. Posner e John Ware sobre Mengele, Erich, aos 77 anos ainda jurava que havia matado Mengele naquela madrugada de 1968. Quando confrontado com a evidencia que o criminoso nazista havia morrido em 1979 em Bertioga, Erdstein responde irritado que então ele teria atirado em um sócia do Mengele (2019, p.218).

Por mais que boa parte dessa epopeia pudesse ter sido fabricada e de que Erich Erdstein na realidade não tinha encontrado nenhum complô nazista não é possível ignorar o fato de que existiam sim criminosos nazistas no Brasil, assim como na Argentina, Uruguai, Chile, Estados Unidos e União Soviética como demonstra a documentação resgatada por diversas organizações como a CEANA. O surgimento de grupos neonazistas e fascistas que estão participando ativamente do cenário político mundial recentemente só demonstra mais evidentemente que o nazismo não acabou com o fim da guerra e é importante compreender que ele também não foi iniciado com Hitler e Mussolini. O sul do Brasil, em especial Santa Catarina, tem um longo histórico de vinculação com o nazismo e a postura da ditadura militar apresentada durante esse trabalho, de excluir qualquer possibilidade da existência de nazistas, ainda que comprovadas naquela época, pode explicar as demonstrações dessa ideologia que estamos acompanhamos ao longo dos últimos anos, pois tentaram esconder uma realidade que eventualmente ia se desdobrar e emergir das entranhas do Brasil, com diversas novas faces.

## 5. Referências Bibliográficas

- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Relatório Projeto Brasil Nunca Mais**. 1985. Disponível em: [http://bnmdigital.mpf.mp.br/docreader/DocReader.aspx?bib=rel\\_brasil&pagfis=1640](http://bnmdigital.mpf.mp.br/docreader/DocReader.aspx?bib=rel_brasil&pagfis=1640). Acesso em: 15 abr. 2021.
- BADEL, KeulyDariana. A escrita de si e do outro: uma biografia de alexanderlenard (1951 :1972). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, Blumenal. **Anais [...]**. São Paulo: Ampuh, 2011. p. 1-24. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308147924\\_ARQUIVO\\_ArtigoEscritadeSiedoOutroAnpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308147924_ARQUIVO_ArtigoEscritadeSiedoOutroAnpuh2011.pdf). Acesso em: 12 abr. 2021.
- BERTONHA, João Fabio. Nazismo, ocultismo e conspirações. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 381-384, 2007.
- BUDDE, Leani; VAZ, Alexandre Fernandez. Jornalismo e ditadura em Florianópolis: sobre o jornal o estado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 191-202, 04 maio 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n1p191/27185>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a vida social In: *literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo. T. A. Queiroz editor, 2000.
- CARVALHO, Paula. **Major alemão é homenageado pelo exército e causa polêmica**. 2019. Disponível em: <https://blog.jovempan.com.br/paulacarvalho/morning-show/major-alemao-e-homenageado-pelo-exercito-e-causa-polemica/>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Uma leitora diante do espelho” In: *Correio Brasiliense*. 20 de setembro de 1998. Disponível em: <https://www.cecult.ifch.unicamp.br/pf-cecult/public-files/publicacoes/116/historiacontadalia-cademartori.pdf>. Acesso em 03 nov. 2020.
- CHARTIER, Roger. Literatura e História. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 197-216, Dez. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2000000100197&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2000000100197&lng=en&nrm=iso). Acesso em 22 Abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/2237-101X001001006>.
- COSTELLA, Antonio. Lei de Imprensa. In: FACULDADE GETÓLIO VARGAS. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: Fgv, 2009. p. 30. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-de-imprensa>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- DIETRICH, Ana Maria. **O Nazismo Tropical**. 2007. 301 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007
- ERDSTEIN, Erich *et al.* **O Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977. 198 p.
- ERICH, aquêl vigarista, continua a dizer que matou Mengele no Paraná. **Diário do Paraná**. Curitiba. 1969. Edição 04087.

FELLET, João. **A época em que o Brasil barrou milhares de judeus que fugiam do nazismo.** 2019. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46899583#:~:text=Apesar%20das%20restric%C3%A7%C3%B5es%2C%20milhares%20de,Israelita%20do%20Brasil%20\(Conib\)](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46899583#:~:text=Apesar%20das%20restric%C3%A7%C3%B5es%2C%20milhares%20de,Israelita%20do%20Brasil%20(Conib).). Acesso em: 20 fev. 2021.

FERRAZ, Barbara Zimetbaum. **Os refugiados judeus no governo Vargas e o papel do embaixador brasileiro na França, Luiz Martins de Souza Dantas.** 2016. 86 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, Ufrj, Rio de Janeiro, 2016.

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a segunda guerra mundial.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. O Jornal do Brasil. In: FACULDADE GETÚLIO VARGAS. Faculdade Getúlio Vargas. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.** Rio de Janeiro: Fgv, 2009. p. 30. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FRIGERI, Renata Aparecida. O espetáculo televisionado: o julgamento de adolfeichmann em jerusalém. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E IMAGEM, 1, 2014, Londrina. **Artigo.** Londrina: Encoi, 2014. p. 1-14.

GARCIA, Maria Fernanda. **Brasil Nazista?** 2017. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-nazista-vargas-chamava-hitler-de-grande-e-bom-amigo/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GENTILLI, V. O jornalismo brasileiro nos anos 70. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 10., 2001, Brasília. Anais... Rio de Janeiro: COMPÓS, 2001. CD-ROM.

GERTZ, R. E. (1988). **Nazismo, Fascismo, Integralismo e o Apoio das Oligarquias no Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ao Estado Novo.** *Estudos Ibero-Americanos*, 14(1), 21-30. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1988.1.30425>

LEVIN, Ira. **Os Meninos do Brail.** São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

LIVRO denuncia mas não prova nada. **O Estado.** Florianópolis. 18 de maio de 1980.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006, pg.111-153.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=kM5nAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 03 dez. 2020.

MEINERZ, Marcos Eduardo. Operação Odessa: a fuga dos criminosos de guerra nazistas para a América Latina após a segunda guerra mundial e os caçadores de nazistas. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 41-60, 19 jun. 2013. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2014v19n1p41>.

MEINERZ, Marcos. O IMAGINÁRIO DA FORMAÇÃO DO IV REICH NA AMÉRICA LATINA. Espaço Plural, vol. XII, núm. 25, julho-diciembre, 2011, pp. 147-159 Universidade Estadual do Oeste do Paraná Marechal Cândido Rondon, Brasil.

MEINERZ, Marcos Eduardo. **O Reich de Mil Anos: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a segunda guerra mundial**. 2018. 336 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Ufpr, Curitiba, 2018.

MORAIS, Dênis de. Imaginário social e hegemonia cultural. *In: Gramsci e o Brasil*. Minas Gerais, julho 2002. Disponível em: <https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>. Acesso em: 28 junho 2020.

OLIVEIRA, Ione. **Imigrantes e Refugiados para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. 2013, Natal. **Artigo**. Natal: Ampuh, 2013. p. 1-16. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548874919\\_688a0759aee63198c3bf437c75db9c48.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548874919_688a0759aee63198c3bf437c75db9c48.pdf). Acesso em: 15 fev. 2021.

OLIVEIRA SOBRINHO, Afonso Soares de. **São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade**. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 210-235, Apr. 2013.

Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222013000100009&lng=en&nrm=iso)>. Access on 19 Jul 2020. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222013000100009>.

POLICIA do Paraná diz que Erich não é espião judeu mas sim um estelionatário. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 1968. Edição 00221

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

POSNER, Gerald L.; WARE, John. **Mengele: a história completa do anjo da morte de auschwitz**. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil*. Do Golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, pp.47-92

ROSAS, Frederico. **As últimas horas do monstro nazista no Brasil: ex-cabo da polícia militar brasileira revela, 35 anos depois, detalhes da morte de josefmengele no litoral de são paulo**. Ex-cabo da Polícia Militar brasileira revela, 35 anos depois, detalhes da morte de Josef Mengele no litoral de São Paulo. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/07/politica/1391769715\\_190054.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/07/politica/1391769715_190054.html). Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA, Francisco Carlos T. da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida N (orgs). 2ª ed. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp.245-282.

TREVIZAN, Ana Flávia; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. **O TRIBUNAL DE NUREMBERG E POLÊMICA DAS SANÇÕES ADOTADAS**. *ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498*, v. 4, n. 4, 2008.

VEJAM Aqui o que houve Naquêle dia. **Diário do Paraná**, Curitiba, 1968. Edição 03742.

VOGT, Olgario Paulo. O alemanismo e o “perigo alemão” na literatura brasileira da primeira metade do século XX. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 225-258, jul. 2007. ISSN 1982-2014. Disponível em:

<<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/240/190>>. Acesso em: 08 fev. 2021.  
doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v32i53.240>.

WERLE, Bibiana. Memória da campanha de nacionalização nas regiões de imigração **alemã**.  
In: XI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA, 11., 2012, Rio de Janeiro. **Artigo**. Rio de Janeiro: Ufrj, 2012. p. 01-11. Disponível em:

[http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340395352\\_ARQUIVO\\_BibianaWerle.pdf](http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340395352_ARQUIVO_BibianaWerle.pdf). Acesso em: 08 fev. 2021.